

Francisco Simonini da Silva
Xico Simonini

BAR TOLOMEU

Às Margens do São Bartolomeu

Muzungu Comunicação

B869.8 SILVA, Francisco Simonini da, 1941
Bar Tolomeu: às margens do São Bartolomeu/
Francisco Simonini da Silva. - Viçosa, MG: Muzungu
Comunicação, 2007.
141 p.

1. Crônicas Brasileiras. I. Título

CDD B869.8 - 19. ed
CDU 821.134.3(81)

© 2007 - Francisco Simonini da Silva

Ficha Catalográfica

Rita Coelho - CRB7 4963

Projeto Editorial

Muzungu Comunicação
(31) 8739 8576
muzungu@bol.com.br

Consultoria

Anastázia Ladeira
José Dionísio Ladeira
José Levi
José Paulo Martins
Therezinha Mucci Xavier

Digitação

Xico/Fernando Prado

Capa, Diagramação e Arte Final

Gustavo Alberto

Foto do Autor

Theunis - Lentes & Focos

Impressão e Acabamento

Arte Livros
(31) 3891 4736

francisco simonini da silva
xico simonini

BAR TOLOMEU

Às Margens do São Bartolomeu

Viçosa - Minas Gerais
2007

PILEQUE

Este livro é destinado exclusivamente a leitores maiores de 18 anos e que não se ofendam com a narração de cenas de ganância explícita e cenas de hipocrisia explicitada.

A iniciativa do leitor em continuar a percorrer estas linhas implica em consentimento de tais condições.

O elenco de artistas e arteiros que participa das histórias é composto de pessoas adultas e capazes, maiores de 18 anos, aqui desempenhando atividade de representação, razão pela qual não significa que tenham conduta idêntica na vida real.

Os documentos comprobatórios da maioridade dos personagens e os atestados de sua sanidade mental encontram-se em poder do autor e poderão ser solicitados sem a necessidade da egrégia "ordem judicial".

Por se tratar de obra de ficção, qualquer semelhança com pessoas, instituições, fatos e situações reais é mera coincidência.

LAMBADA

O que eu mais admiro em você, Cleydes, é que você consegue reunir um monte de sujeira das pessoas e você mesma nunca se suja.

Bill Bennett (Fidelidade - Tempted)

CÁLICE-S

O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem caráter, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons.

Martin Luther King

É preciso que todos os homens de bem tenham a audácia dos canalhas.

Benjamin Disraeli

DEDICA-DOSE

Detestáveis
Diabos Dechos Dialhos Dianhos

Dos Demônios Desprezíveis

De Desafetos Desafiantes
De Desafiadoras Desafinações

Desafinados
Diligenciaram Duros Desafios

Desafiando
Desaferrolharam Desafervoraram
Destruíram Desânimos

Derrubaram Dormências
Despertaram Duelos
De Duradoura Duração

Diuturnamente
Diabos Dechos Dialhos Dianhos
Dos Deteriorados Demônios

Doentes D'corpo
D'alma Doentes

Diretamente Do Décimo Descuido Da Divina De Dante

GUIA

Procedimentos elementares, na preparação do espírito para ortodoxa rodada da lourinha do Bar Tolomeu...

Primeiro:

O connoisseur jamais entra matando, que isso é coisa de principiante. Modus in rebus, como diz Horácio (Livro I, Sátira 1), Há uma justa medida em todas as coisas; existem, afinal, certos limites. Por isso mesmo, é fundamental que o frequentador da veneranda taberna peça uma guia, para calibrar o confronto inicial. Umazinha das de cabeceira, batismo de fogo, pra amansar o gargomilho.

Segundo:

Outra providência básica é jamais cometer o sacrilégio de negar a lambadinha pro Santo.

Assim...

Ao iniciar este Bar Tolomeu, a chamuscada da Dedicado-Dose, para destrancar a língua.

Agora...

A homenagem ao Santo, para levar a tarefa a contento:

Neste caso, porém, não é apenas um, são oito os Santos nominados. Tal-qualmente os dezoito Demiurgos do corpo docente que, comigo, tantos trabalhos de Hércules realizaram nestes dois últimos anos. A eles, a sagrada aspersão desta Água Benta.

Gente sem a qual os bons fluidos daquela empreitada estariam irremediavelmente comprometidos. Gente para quem os únicos adjetivos possíveis serão sinônimos de dignidade e grandeza d'alma. Pessoas que, nas caminhadas da vida, em Santo Antônio de Pádua (RJ), foram demonstrando o quanto são importantes.

Gente do quilate de Ana Paula, Ângela, Marlucy, Rita, Rosana, Sadir, Sônia e Tiago.

A vocês, os respeitos deste Zé Goró

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	17
DE BERNARDINO DA SILVA A MARTINHA SUPLI-CIO.....	21
NAS MESAS DO BAR TOLOMEU.....	23
A ENTRADEIRA E UM TINTIM!	
Amanhecendo.....	27
Viagem.....	33
VIRA, VIRA, VIRAAA... VIROUUUUU...	
Nós.....	41
Retaguarda.....	47
Dante-s.....	53
Cala-Bar.....	59
Declaração.....	67
Consumatum.....	71
TIRA-GOSTO	
Segu... Indo.....	79
Inda... Indo.....	85
TROCA O COPO!	
Serpentário.....	93
Surucutinga.....	99
Naja.....	103
Muçurana.....	107
Trairaboia.....	111
Boitatatá.....	115
Jararaquinha.....	119
Ibiboboca.....	123
Jabaculê.....	127
A SAIDEIRA...	
Zíyer.....	135

PREFÁCIO

BAR TOLOMEU, de Francisco Simonini da Silva, é uma obra portadora de sequências bem estruturadas de episódios e de sentimentos melancólicos vivenciados pelas personagens, apontando o brilho literário de um escritor lúcido com habilidades inventivas que surpreendem e seduzem.

Seu autor, dono de um olhar agudo, capta as contradições da vida e da sociedade, alcançando vastos horizontes. Ele não se satisfaz com o medíocre, acha-se consciente do seu fazer literário e tudo versa com autenticidade, excelente domínio e competência linguística. Poeta e prosador, também maneja singularmente imagens e símbolos. Daí sua escritura tornar-se extremamente fascinante, marcada por sinceridade artística de indiscutível valor.

Portador de discurso aparentemente popular, com vocábulos do cotidiano, assinalados por significativa erudição, o texto de Simonini fecunda a inteligência, impulsiona à reflexão, informa culturalmente, remetendo-se, muitas vezes, à literatura, história, mitologia, Bíblia, evocando Camões, Artur de Azevedo, o Príncipe Dom João, Cleópatra, Hércules, Zeus, Baco. Adão, Eva, figuras do Antigo Testamento e outros tantos.

BAR TOLOMEU tem arte, tem ideias, tem poesia.

Inegável o domínio de seu autor sobre o instrumental de composição, o esmero com que constrói seus discursos e a segurança com que transmite seus princípios.

A mola propulsora dessa narrativa admirável é o inconformismo. É a rebeldia contra as desditas acarretadas pelo poder usurário, ganancioso, preocupado com ganhos materiais e despreocupado com as injustiças, a miséria, as desigualdades sociais.

Embora arquitetado sobre tal infortúnio, a invejável habilidade de seu criador deixa transparecer, muitas vezes velada e sutilmente, que ainda resta esperança da conquista de uma vida melhor, isenta de artimanhas e corrupções. É baseando-se nessa probabilidade que ele, na voz de Zé Goró, seu protagonista humilde e sábio, põe-se a "gritar escrevendo e escrever gritando contra a fraude, a mentira, a traição, a injúria, a simulação, a impostura, a hipocrisia". E, ainda, cria a "Turma de Zé Goró... Digna na dignidade, dignificando a própria Humanidade, procurando fazer da vida uma vida menos áspera de se viver... na sua terna e eterna fusão dialética".

Com apoio nessa expectativa, a consistência fraseológica da obra,

tanto do ponto de vista formal quanto do conteúdo, retrata extraordinária visão de mundo e agudo senso de percepção das mazelas que assolam a humanidade.

Escritor inquietantemente consciente de sua missão, Francisco Simonini insere em sua obra um narrador em terceira pessoa do singular, observador perspicaz, que impregna sua fala de vocábulos aptos para espantar e chicotear. Acrescenta-lhe, ainda, personagens irreverentes e inconformadas, igualmente prontas a açoitar o cruel, o inumano. Tais figuras reúnem-se semanalmente para discutir ideias, satirizar e parodiar. E como parodiam! Achincalham a história, a religião, a mitologia, o dito popular! Se Gregório de Matos não tivesse sido cognominado “Boca do Inferno”, a alcunha lhes seria bem cabível.

Toda a ação do universo ficcional do Bar Tolomeu se desenrola em um boteco, às margens do ribeirão homônimo do título do livro. Nesse espaço, figura bem expressiva da diegética narrativa, entre diálogos assinalados por antagonismos filosófico, histórico e religioso, é praticado um verdadeiro ritual de antropofagia. De antropofagia, e não de canibalismo, segundo Oswald de Andrade, porque aí se come para assimilar cultura. Comem-se “Torresminhos Crocrantes e Chocantes”; bebem-se as “Branquinha de Cabeceira e Lourinha Espumante, com sabor de amante”, para discutir ideias e, no dizer do narrador, apontar as enfermidades “municipais, estaduais, nacionais, continentais, mundiais” e “atacar, queimando com suas picadas e picaduras”. Nos acepipes ingeridos, calorias e intelectualidade, em doses idênticas, valem como fel a amargar a bebida social e doce, quando tomadas nas protegidas rodas do Baixadão da Égua.

Em todo o movimento do livro, nota-se a construção de um artesão hábil, de um artista maior que o artesão. O aparato de suas frases figurativas, dotadas de musicalidade ímpar, transformando o corriqueiro em poético, enleva. Suas expressões populares, pintando esmeradamente graça e perfeição, seduzem. Sua originalidade em tratar como novos temas remotos, atrai.

Analogamente, suas metáforas e antíteses provocam, a um só tempo, encanto. Entre tais figuras, ressalta-se o “serpentário, habitado por sete serpentes”, cada uma delas denominando um capítulo da narrativa. Tal serpentário metaforiza os que “envenenam todo aquele que ousa atravessar seus caminhos assinalados pela ambição desmedida, ganhos ilícitos, usura...” e estabelece antítese com “As sete virtudes de Deus... E da Humanidade”.

Raramente, o leitor terá o ensejo de ver acoplado, em união melodiosa, o inculto/culto, o cômico/sério, o irreal/real, o comum/in-

comum como ocorre nessa escritura engenhosa. Não muitas vezes, ser-lhe-á apresentada uma narrativa inspirada em depoimentos que o tocam humanisticamente, falam da existência, do encontro dos tempos, no qual passado e presente convivem. Poucas vezes, ele encontrará um discurso regional confirmando-se universal.

Tudo isso porque a necessidade de romper fronteiras e estimular condutas nobres legitima a responsabilidade de o escritor denunciar e divulgar conhecimentos. E Francisco Simonini o faz com pertinência em Bar Tolomeu, fortalecendo-se talvez como partícipe da luta pela vida, pelo resgate da dignidade. Autor localizado no tempo e no espaço, ele vivencia bem a assertiva machadiana: "O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país (...)".

Suas ideias, seu potencial criativo e sua capacidade de lidar com as palavras acentuam a originalidade da sua composição. Sua narrativa, séria e inteligente, parece bem pouco importar-se com o que se manifeste além de suas crenças. Sua pretensão não é ajustar contas com adversários de ideias. É, sobretudo, fazer uma literatura compromissada com a realidade e ser, como Zé Goró de "alma e razão tristes, sinistras e angustiadas", "a esperança inabalável, o mergulho, a submersão, a imersão na humanidade, esperando o esperar da esperança".

Um leitor atento assegurará a verdadeira importância do Bar Tolomeu com uma incursão não só ao contexto histórico-social, mas, e principalmente, ao universo romanesco. Assim, alcançará maiores possibilidades de compreender o tom íntimo e particular do autor, seus requintes de sutilezas, seu silêncio que sugere, suas palavras que falam e calam, decretam sentenças, alteram destinos e revelam-se como veículos de dor e prazer estético. Exclusivamente desse modo será evitada a consolidação de uma análise pouco consistente, como sucede neste prefácio, muito aquém ao valor do livro. Somente assim os sentidos profundos dessa narrativa corajosa e única serão explorados como merecem.

Therezinha Mucci Xavier

Ainda que chamemos o Xico de mal-educado (a gente o provoca, a veia do seu pescoço sobe, ele solta os cachorros), a verdade é que o criador deste "Bar Tolomeu" continua sendo um homem profundamente comprometido com o ato de educar.

Licenciado em Pedagogia. Mestre em Educação. Na Universidade Federal de Viçosa trabalhou no Departamento de Educação. Disseminador de Cursos, de Escolas Infantis, de Colégios, de Faculdades. Cidadão de múltiplas atividades. Enfim, do mesmo sangue do saudoso Padre Mendes, Xico pensa, fala e escreve como autêntico educador, como alguém que sabe o exato sentido da palavra *educar*.

Educar vem da junção de dois vocábulos ainda no velho latim - *ducĕre* - cuja significação é "conduzir" (*ducĕre*) "para fora" (*ex*). Ninguém educa o outro, abrindo-lhe a cabeça e botando lá dentro as suas supostas verdades. Aí seria *ducĕre in*, "conduzir para dentro". Mas o educa, permitindo que o outro se abra para a reflexão, que "dê tratos à bola", que exponha suas idéias, posicione-se.

Deus age assim conosco. Dá-nos a inteligência e deixa que a utilizemos para o bem ou para o mal, para construir ou para destruir. Não nos teleguia. Não nos faz de marionetes. Tanto que nos mandou seu filho Jesus para nos ensinar e Ele o fez sobretudo por meio de parábolas! Que exigem interpretação. "Quem tem ouvidos ouça!"

Xico é assim. Divide a palavra com o seu leitor. "Uma parte é de quem escreve; a outra parte de quem lê!" Não quer um leitor passivo, mas um leitor ativo. E *ativo* no sentido de *inteligente*, no sentido de "vivo", no sentido de *atuante*, no sentido de *quem age*. Bobo, não! Preguiçoso, não! Passivo, não!

O povo diz: "Para um bom entendedor, meia palavra basta!" Millôr repete o povo e goza a gente: "Entendeu, ecil?!"

Você poderia dizer que os textos do Xico estão datados - circunscritos às acontecimentos da semana - , um painel dos fatos e dos vícios cotidianos. Por isso, exigem mais do leitor. O mesmo se diria da obra prima do autor que Xico batiza em um texto como DANTE-S, cuja "Comédia" Boccaccio vai chamar de "Divina". Dante povoou-a com seus desafetos políticos, transferidos de Florença para as "profundas" dos Infernos, com os quais você não tem a menor intimidade. Ou para o Purgatório - "meno male" - do qual você nem tem notícias. Já a sua Beatriz, colocou-a Dante no Paraíso. Que não é o nosso...

Se Xico é mordaz com personagens conhecidas dos cenários muni-

cipal, estadual, nacional, continental ou mundial - e ponha mordacidade nisso -, Dante também o foi. Mas se hoje sabemos, por exemplo, de Paolo e Francesca da Rimini, é graças ao poeta florentino... E há gente que tem mãe que agradece no ato. Conhece "O Meu Guri", do Chico com "Ch"?

Logo, pouco importam as personagens. Ou os personagens, se você assim o desejar. As pepitas d'ouro que pairam sobre estes excelentes textos que se seguem são as referências culturais, sociais, econômicas, políticas, religiosas, filosóficas, psicológicas e sobretudo as construções linguísticas - o trabalhar competentemente a palavra - coisas com que, como seres inteligentes inseridos neste mundo, já deveríamos ter aprendido a lidar.

Ou será que o nosso televisor está com defeito?

José Dionísio Ladeira

NAS MESAS DO BAR TOLOMEU

Chega novamente aos ouvidos o brado atroante do trovador que desnuda e desmistifica, “gritando escrevendo e escrevendo gritando”. Uma vez mais Francisco Simonini direciona a verruma-berbequim de suas palavras contra a fraude, a mentira, a traição, a injúria, a simulação, a impostura e a hipocrisia, em preciosa arrumação poética que atiga a fúria dos justos e aponta as mazelas de um país à mercê da vileza de seus dirigentes e da voracidade de suas elites. E faz isso em grande estilo, apaixonado, pois, como disse Neruda, “morre lentamente quem evita uma paixão”. E o Xico, definitivamente, não é um desses.

Ao lançar, em 2003, o instigante No Reino de Fundanga, Xico referia-se ao livro como um testamento, talvez epitáfio, pois a obra era definitiva e não haveria mais a dizer. Pobre do vate, mal sabia que o rol de falcatruas escandalosas não se esgotara e que apenas a ponta da meada estava visível.

No comando do intimorato semanário viçosense Muzungu, Xico foi vivenciando, a cada edição, a trajetória de um indivíduo assumidamente chegado ao *spiritus Saccharum officinarum*, mais conhecido como Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri, ou mesmo como goró, nas acolhedoras mesas do Bar Tolomeu, de Bernardino da Silva, ninguém menos que Bernardes, o velho Jequitibá. No consenso da redação do jornal nasceu a coluna “Umas & Outras”, assinada por José GOfredo RODrigues, o Zé Goró. Batendo forte, com a ajuda de sua turma (personagens típicos dos típicos botecos da vida), o Zé veio vergastando firme... Consumado o tempo do Muzungu, que foi tangido para a história como acontece com a maioria dos periódicos impressos, o Zé ressurgiu. Vem revigorado como massa fermentada, que é sovada para crescer. E vem a caráter, com a mesma incisividade, com a mesma postura, em um texto limpo, bem à moda de Drummond, para quem “escrever é cortar palavras”. Reconhece a dificuldade de construir sua obra, mas ressalva, como Clarice Lispector, “Não é fácil escrever. É duro quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados”.

Com seu Bar Tolomeu, Xico vai construindo e lapidando uma linguagem fluente e ritmada, recriando a ortoépia aparentemente banal de uma quase litania, verdadeiro mantra inquiridor contra os bandidos autodenominados do Bem.

Aparentemente, o autor pensou apenas em registrar conversas de Boteco, onde se identificam os problemas e se vislumbram as soluções geniais para eles. Criou uma obra fantástica, de fôlego, na linha de escritos que vêm desde Homero, com a *Ilíada* e a *Odisseia*, passando por Virgílio, com a *Eneida*, Ariosto, com *Orlando Furioso*, e Camões, com *Os Lusíadas*. O objetivo do Xico, certamente, não era enaltecer os feitos de heróis e nações: pensava mais no Cristo Furioso do templo de Jerusalém, enxotando os cambistas e vendedores de animais. Talvez mais consentâneo com a palavra incisiva de Affonso Romano de Sant'Anna: "Antes nos matavam de porrada e de choque / nas celas da subversão. Agora / nos matam de vergonha e fome / exibindo estatísticas na mão. / Estão zombando de mim. Não acredito. / Debocham a viva voz e por escrito / É abrir jornal, lá vem desgosto. / Cada notícia é um vídeo-tapa no rosto". Sempre com a ressalvada dúvida: quem é do Bem, quem é do Mal? Silvério dos Reis, coronel da Cavalaria dos Campos Gerais, escreveu ao fazer a denúncia dos conjurados ao Visconde de Barbacena: "O prêmio que peço tão-somente a V. Excia., é o rogarte que, pelo amor de Deus, não se perca a ninguém".

Pois é, Xico, o pretensio epitáfio terminou por se transformar na sementeira de ideias e no recôndito de indisfarçável frenesi criador, com muita Lourinha, no aprazível Bar Tolomeu. Espumante, com sabor de amante.

José Paulo Martins

A ENTRADEIRA E
UM TINTIM!

AMANHECENDO

Seis horas.

Rompe o dia.

Mais outro... Inda outro... Sempre outro...

Soa o grito do infernal despertador programado pra gritar aquele programado grito.

Triste. Odioso. Aborrecido.

O suíço de um e noventa e nove cumpre a indócil missão de torrar os tímpanos do cidadão.

Executa a tarefa sacal de despertar o inerte corpo.

Sim!

Inerte corpo. Reles corpo. Reles indivíduo.

Reles! Reles! Reles!

Inerte corpo. Nada mais do que isto!

Gerado. Nascido. (Sobre)Vivido.

No surrealismo de surrealistas terras. Terras-Chão do Baixadão da Égua.

Inerte corpo no humilde catre, pousado e repousado na horizontal, sobre confortáveis e inexistentes molas e molejos, balanços e balanceios.

Aos poucos, faz valer, noventa graus de gira e enjira.

Molemente. Indolentemente. Preguiçosamente.

Despertar dele de cada dia, cada dia mais violento violentando dignidade, alegria, sinceridade, honra, felicidade, futuro.

De cada dia passado... Cada dia presente... Dia futuro...

Triste sina de pífilo Cidadão do Mundo, um de tantos outros quantos os números contar puderem. Distante de ductos, de vales, de rios.

Eficientes calhas escorredoras de assaltos brasileiros, afastado de rios, de vales, de ductos dos roubos ali-babaianos.

Distante de pilhagens e piratizações, afastado de saques e gatonagens.

Sem armas lutando, não para usufruir butins, mas, simplesmente, buscando o feijão dele de cada almoço, diligenciando sua coletivista missão, zelando por sua missão individualista.

Coletivando... Individualizando... Sempre...

O individual se fazendo no coletivo e o coletivo se concretizando no individual, diriam os marxistas.

Um Cara caro, longínquo, astronomicamente distante das benesses contumazes, multiplicáveis e multiplicadas, no triste Baixadão da Égua, propriedade incontestada da quadrilha de plantão.

Com o poder dos poderes e dos poderes sem o poderio.

Forte ou fraca, grande ou pequena.

De Mercedes e colarinho branco ou de Havaianas e bermudão.

Nata suja. Murcha flor. Pura escória.

Roubam do Cara, na cara.

As pálpebras abrem-se livres da colagem pegajosa, fruto da secreção glutinosa trazida e consolidada pelo escorrer noturno.

Desnuda uma das mãos, apalpa o ambiente na temperatura fria, úmida e desagradável.

Faz a língua passear pelos ressecados lábios.

Hálito de quem sorveu cabo de guarda-chuva, na insone noite, gerado.

Estômago vazio e faminto, distante do último ingerido rango, repleto da ausência de alimento, clamando pela presença de alimento.

Assim, pois, pois, o Cidadão do Mundo saboreia solitário a última e única sensação agradável do despertar. A sensação emanada do derradeiro calor do leito.

No ventre, o reflexo característico de forte pressão e compressão de caráter pastoso, de caráter líquido, de caráter gasoso, frutos das naturais lides fisiológicas.

São, pois, inúmeras as condições adversas, um imenso elenco delas para serem enfrentadas a cada novo despertar, a cada novo dia, anunciado pelo infernal despertador.

Afinal dos finais, acordar é um saco!

Seis horas de um novo dia, pras vidas dos habitantes do Baixadão da Égua, onde a esmagadora maioria, dirigente ou não, pé-de-chine-lo ou pé-de-sapato, bunda mole ou bunda dura, busca moleza.

Moleza, sim, como se elas não devessem existir, apenas e tão somente, nos apalpaes das vidas das noites vividas pelas Tetas do Alição.

Pensando bem, novo dia, novo despertar que se resumem não apenas em percalços naturais, de ordem fisiológica, de ordem ambiental. O quadro é mais grave para quaisquer companheiros camaradas e tantos e tantas mais... Beneditos ou Malditos.

O duro, no duro mesmo, é enfrentar um novo dia regido pela batuta de soberanos, ou não-soberanos, velhacos e traquejados,

possuídos e invadidos por espíritos malignos.

Moleques-do-surrão. Cramunhões das trevas.

Da fraude. Da mentira. Da traição. Da injúria. Da simulação. Da impostura. Da hipocrisia.

Bisando o dito pelo dito mesmo, vasto rol de mandatários, ou não, quase incontável rol.

Dos simples batedores de carteiras aos poderosos *capi di tutti capi* incrustados no centro do poder ou vagando pelas fraldas do mundo. Companheiros camaradas ou não.

Positivamente... Definitivamente...

Filhos diletos do Baixadão da Égua.

Concluindo o dito pelo dito mesmo, repleto de campeões imbatíveis, pompeando medalhas d'ouro em todos os desportos praticados, em todos os estádios disputados.

Nas olimpíadas corruptoras, nas corrompidas olimpianas.

Deverasmente demais!

Excessiva carga para quaisquer companheiros camaradas da ética e de imutáveis princípios.

Tragar. Deglutir. Sorver.

Reforçando o dito pelo dito mesmo, ousadamente, penetrando no sobrenatural, pecadores incontestes.

Cometedores. Empreendedores. Perpetradores.

Dos Atos Capitais. Dos Atos Perdoáveis.

Incapazes de controlar seus instintos básicos.

E não por quê? E por que não?

Futuros habitantes das trevas mais profundas do Andar de Baixo, usuários de tudo aquilo que se opõe às Sagradas Sete Virtudes:

Castidade. Generosidade. Temperança. Diligência. Paciência. Caridade. Humildade.

Usuários de tudo aquilo representado pelos Sete Pecados Capitais:

Luxúria. Avareza. Gula. Preguiça. Ira. Inveja. Orgulho.

Usuários de tudo aquilo representado pelos também Pecados Perdoáveis:

Tantos e tais quantos e quais possam ser cometidos.

Navegam de outros para uns e de uns para outros com a ligeireza dos ligeiros e com a rapidez dos rápidos...

Homens e mulheres de e da in-verdade... Vendilhões do templo e adoradores d'ouro... Companheiros camaradas.

Protagonistas de cenas de ganância explícita e de hipocrisia explicitada.

As noites se sucedem nos braços embalando as madrugadas.
Nascem os alvoreceres nos seios amamentando as manhãs.

Novo dia, nova semana, novo mês, novo ano.

Passa o tempo. O tempo se faz.

O comerás o pão com o suor do próprio rosto torna-se terrível, neste passar do tempo, neste tempo se fazendo.

Inaceitável no enfrentamento desigual e cruel no Baixadão da Égua, seja ele municipal, estadual, nacional, continental ou mundial.

Há de nada ser! Há de ser nada!

O Cidadão do Mundo prepara-se para outro novo dia, sonhando o sonho dos sonhos, da vida sonhada, com sua dignidade, com sua alegria, com sua sinceridade, com sua honra, com sua felicidade, com seu futuro.

O sonho sonhando o sonho utópico da Humanidade plena.

Sem os flagelos do despertar de um novo dia.

Definitivamente sem a presença formidanda e nauseabunda das bandas e dos bundas tremebundas.

Excrementos, dejetos e merrecas.

Pois então?

Seis horas pintando inda outro novo dia.

Novo despertar.

Nova lida à espera.

Nada, absolutamente nada, das lidas tradicionais. daquelas que trazem o pão sem o consumo dos suores.

Não a aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim de caráter material.

Não a força de trabalho, força mesmo, produzindo riquezas materiais, compradas a aviltado preço e imposto pela globalização liberalizante.

Apenas e tão somente, a lida despendida pela força de trabalho da chamada cinzenta massa.

O pensar em seu sentido mais amplo e sublime.

Aquilo que os filósofos batizaram de filosofar. Argumentar, discutir ou disputar verdades (quando preciso, sem a mínima sutileza). Raciocinar acerca de assuntos do cotidiano procurando tirar induções. Ampliar a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade.

A busca da realidade capaz de abranger todas as outras. A busca da causa primeira, a busca do fim último.

Não fazer força com os braços, mas fazer força com a cabeça.

Mas, afinal das quantas, quem é este Cara?

Gerado, nascido, (sobre)vivido no Baixadão da Égua. Imenso como ele só, onde *Em se plantando tudo dá...* Para companheiros camaradas.

Gananciosos. Depravados. Corruptos. Perversos. Desmoralizados. Na pecadorança eterna dos pecadores eternos.

Muito prazer, ô meu!

José Godofredo Rodrigues!

Caríssima sociedade, habitante do Baixadão da Égua.

Zé Goró!

Caríssima Turma, frequentadora assídua do Bar Tolomeu!

José Godofredo Rodrigues!

Fazendo rolar conspurcadas águas poluídas, no também poluído leito do Ribeirão São Bartolomeu...

Ou...

Zé Goró!

Fazendo esvaziar límpidas tulipas transparentes, no também transparente recinto do Bar Tolomeu...

Muito prazer, ô meu!

Como vai a família?

Tudo bem?

A netinha já nasceu?

Ou morreu nos braços da mãe numa afolozada fila do Serviço Único da Sordidez (SUS)?

VIAGEM

Apesar dos finais, corre o tempo.

Necessário se faz prosseguir trilhando a trilha da instituída vereda.

Prosseguir é urgente.

Os afazeres de cada qual - os meus também - encontram-se armados em suas poderosas armaduras aguardando o enfrentamento de novo dia, molhado de suor.

Que fazeres... Ah, que fazeres!

Zé Goró segue em frente.

Lá se vai o romper do novo dia.

Dias de vida.

Vida sem princípio. Nem fim.

Sempre existiu. No sempre, existirá.

Eternamente vivida. Vivida constantemente. Incessantemente vivida.

Assim convoca o grito da luta.

Viajo, pois, naquele viajo.

Bom. Excelente. Tranquilo.

Deixando pra trás o soar do infernal despertador, substituído, agora, pelo soar mavioso, compassivo e afetuoso da harmonia, do ritmo e da melodia.

Elementos de fantástica canção, da fantástica Viagem, dos fantásticos trovadores João de Aquino e Paulo César Pinheiro.

Trovando. Cantando. Rimando.

Sim, Turma!

Do coração. Da alma. Da razão. Da emoção.

Raígue; Tião Perninchada; Bete; Saru; Poia; Beia; Praxedes, o garçom; Sá Pipicha, a salgadeira; Bernardino da Silva; Vó Merença, lá dos Araponga; Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme; o contraventor Zé Fala Fina; Dionísio; Zé Paulo e tantos e tais outros tantos.

Que pintaram, que pintam, que pintarão nas mesas plácidas do Bar Tolomeu.

Bem como tantos e tais outros tantos que passearam, que passearem e que passearão nas margens serenas do Ribeirão São Bartolomeu.

Cansado, exausto e fatigado, Zé Goró se transforma num viajante embalado, pois, pelos versos daquela canção, nos quais adquiriu passagem e, livremente, se inspirou sob o impulso da dita inspiração.

Inspiração de caráter místico, poético, metafísico ou, quem sabe, de mundos outros?

Que a ousadia de Zé Goró seja absorvida e absolvida pelos donos da essência das notas e das letras inspiradoras desta viagem mundo adentro, mundo afora.

Saio de fininho.

Assimilando o drama da situação.

Que me desculpem meus eternos fantasmas atormentados, atribulados e agoniados que atormentam, atribulam e agoniam.

Molequeiramente brincam com a dor da razão e com o ferir da emoção do hospedeiro, amigo de fé e de esperança.

Interessantes esses fantasmas. Fantasmas internos que, com o passar do tempo, tornaram-se cada vez mais indóceis, rebeldes, ferozes...

Indomáveis...

Desculpas calorosas pela tristeza, nascida das injúrias e injustiças, por tantos e tantas perpetradas no Baixadão da Égua.

Viagem... Sim! Uma viagem! Sim! Sim!

Viagem!

*Ó tristeza, me desculpe,
estou de malas prontas,
hoje a poesia veio ao meu encontro,
já raiou o dia, vamos viajar...*

Estou pronto.

Malas. Malinhas. Maletas.

Mochilas. Mochilinhas. Mochiletas.

Cheias. Prontas. Arrumadas.

Abarrotadas do vazio de coisas muito poucas. Como poucas coisas são capazes de caber numa mala e numa mochila de tamanho pouco para esta saída.

Mesmo porque, de poucas coisas há precisão em se saindo.

Sejam quais forem os caminhos e os destinos a serem subidos e elevados.

*... Vamos indo de carona,
na garupa leve do vento macio
que vem caminhando,
desde muito tempo,
lá do fim do mar...*

Raiado o dia, de carona, me deparo com a poesia de poetas e poetisas anônimos, de anônimas poesias iluminando o caminhar.

Como o sublime raiar dos raios cintilantes do sol topázio, dos sopros ternos do vento macio, dos murmúrios acariciantes do mar safira.

Sob abençoadas bênçãos da estrela de raiada manhã dourada.

*... Vamos visitar
a estrela da manhã raiada,
que pensei perdida pela madrugada,
mas que vai escondida
querendo brincar...*

Início. Começo. Preâmbulo.

Deste caminhar demorado, dilatado, duradouro.

Brincando.

Sim!

Procurando empreender esta viagem espalhando música no ar, na terra, na água e assentado nesta nuvem clara e ondulante.

Viagem musicando música.

Suntuosa. Imponente. Majestosa.

O que não impede, vez e outra, apimentar a nuvem clara e ondulante com raios e trovões, temperando o espalhar de música no ar com sarcasmo e indignação. Se necessário for.

*... Senta nesta nuvem clara,
minha poesia.
Anda, se prepara,
traz uma cantiga,
vamos espalhando música no ar...*

À vista disso, embalado pelo sonho, pelos elementos naturais,
voarei na brancura das nuvens e no azul do céu, sobre verdes campos
e calmas águas.

Poetificando e versejando a apoteose da vida.

Diferentemente do que se vê no Baixadão da Égua.

*... Olha quantas aves brancas,
minha poesia,
dançam nossa valsa pelo céu
que um dia fez todo bordado
de raios de sol...*

Destarte...

Quem afirmará contrariamente?

De que Zé Goró estará de volta no tempo?

No tempo indelével da História quando tudo serenar?

Quando o gênero humano atingir níveis fundamentais. Níveis para
os quais foi criado.

Pleno de benevolência. Pleno de clemência. Pleno de compaixão.

E o Zé Goró não seria ele próprio o senhor do tempo?

Não apenas e tão somente no Bar Tolomeu, mas também nas mar-
gens do Ribeirão São Bartolomeu.

*...Ó poesia me ajude.
Vou colher avencas, lírios, rosas, dalias
pelos campos verdes
que você batiza de jardins do céu...*

Quem sabe?

A volta triunfal, plena de esplendor, de pompa, de suntuosidade.

O retorno.

O mergulho na Humanidade plena.

*... Mas pode ficar tranquila,
minha poesia,
pois nós voltaremos
numa estrela guia
num clarão de lua,
quando serenar...*

Como prenúncio da volta, nas brancas páginas destas alvas páginas, a manchar de tinta suas alvas brancuras.

Contando. Assinalando. Expondo.

As coisas, das coisas, das coisas do Baixadão da Égua.

*... Ou talvez até quem sabe,
nós só voltaremos no cavalo-baio,
o alazão da noite,
cujo nome é raio,
raio de luar.*

Sim, Turma!

Que a corrosão dos Pecados Capitais e dos Pecados Perdoáveis não atinja a inteligência de sua razão, não atinja a pureza de sua emoção.

Seja, ao contrário, Turma, conivente com as Sete Virtudes.

Até a vista! Até logo!

Tchau! Tchau!

Tô saindo de fininho...

Vazei...

VIRA, VIRA, VIRAAA...

VIROUUUUU...

NÓS

Caminhei muito pouco na vida, mas vim de muito longe...

Diria o velho filósofo Rousseau.

Agradei a poucos neste mundo, mas jamais transigi e venho de muito longe...

Diria o velho estadista Brizola.

Modéstia. Desambição. Sobriedade.

Para o brejo com a modéstia, com a desambição, com a sobriedade... Como os dois geniais gênios da filosofia e da política Rousseau e Brizola.

Inúmeras abruptas montanhas alçadas; descidas outras tantas montanhas escarpadas, apesar de...

Incontáveis escuras matas transpostas; cortadas outras tantas matas tenebrosas, apesar de...

Abundantes imundas águas sobrenadadas; flutuadas outras tantas águas porcalhadas, apesar de...

Lutas. Batalhas. Embates.

Essas coisas e cousas cansam a emoção e a razão dos mais e dos menos circunspectos, sensatos e discretos.

Ora, ora, muito bem! Está certo!

Mas nem por isso e por tantos outros obstáculos, Zé Goró, embora de alma e razão tristes, sinistras e angustiadas, sem dar tantos passos quanto dantes, sem se mover com a destreza de outrora, deixará de gritar.

Gritar escrevendo e escrever gritando contra a fraude, a mentira, a traição, a injúria, a simulação, a impostura, a hipocrisia.

Pois então?

Para o Estado, o cidadão José Godofredo Rodrigues...

Para a Turma, um dos seus, Zé Goró...

Corpo e mente entregues, agora, não mais ao despertar de um novo dia, mas em busca das causas primeiras e em busca dos fins últimos.

A inglória tarefa de encontrar, denunciando, respostas para esta realidade deturpada, vilipendiada e aviltada.

Fugindo do atacado e correndo em direção do varejo... Ou vice-versa.

Buscando o varejo e deixando o atacado... Ou versa-vice.

Agora, sim!

À sombra de uma árvore das poucas sobreviventes à ambiciosa e criminosa devastação.

Às margens do antes rio, ontem ribeirão, hoje esgoto a abertos céus e rasgadas terras: Bar Tolomeu...

Continuarei gritando ao escrever e escrever gritando.

O grito!

Sem a pretensão do *Independência ou Morte!*

Já naqueles idos tempos, outro arranjo tancrediano, como tantos outros arranjados.

Já naquelas idas eras como outra arrumação goderiana, como tantas outras arrumadas.

Como a expressão lusitana do jeito brasileiro, *Coloca a coroa em tua cabeça, Pedro, antes que algum aventureiro o faça.*

José Godofredo Rodrigues, ou Zé Goró, buscando as causas primeiras e os fins últimos da realidade, plantado de cadeira ao lado do Ribeirão São Bartolomeu e assentado às margens da mesa do Bar Tolomeu.

Bar Tolomeu do velho e intemorato Bernardino da Silva que, em boa hora, se tornou proprietário do bem único que corta, recorta e tricorta o jequitibano Baixadão da Égua.

Bar Tolomeu que enfeitiça, seduz e arrebatava Zé Goró e sua Turma.

Bar Tolomeu da original Turma de Choque de filósofos, das filosofias e dos filosofares, composta por gente no beiral da melhor qualidade.

Galera que aprecia a etilicidade. Gente que aprecia a gorduricidade.

Povo que bebe com a exigida moderação.

Pessoal que come com a necessária minoração.

Sagrada reunião das sextas-feiras para a consagração da duramente conquistada *happy hour* semanal.

Buchos regados... Beijos engordurados...

Bar Tolomeu... Ribeirão São Bartolomeu... A Turma... Os Agregados... Os Citados...

De filósofos. De filosofias. De filosofares.

Sem os arroubos de entusiasmo, como diria o Dionísio, são os amigos que dignificam o Gênero Humano. Amigos que honram a Humanidade.

Mas, afinal das quantas, quem é essa Gente?

Que Caras são esses Caras?

Que se tente descrevê-los.

Um a Um?

Não! Absolutamente, não! Impossível!

Os integrantes da Turma fundem-se num ser uno.

Insétíl. *Um por todos e todos por um...* Escreveria Alexandre Dumas, o homem das capas e das espadas e dos três mosqueteiros que eram quatro.

A concretização infinita de seis em um, um em seis.

A unidade coroada pelo verdadeiro amor infinito do pai para o filho.

Porém... Pensando bem... Que tal tentar cunhá-los?

Como?

Vejamos:

Descrever os seis em um, um em seis, procurando vencer as tênues fronteiras materiais e metafísicas.

Fronteiras de fraterna amizade, nascidas de confidências e inconfidências, oriundas de infindáveis bate-papos.

Intermináveis filosofares entre aprendizes de filósofos, sobre o finito e o infinito, atingindo o transitório e o contingente, penetrando no real e no aparente.

Longos papos discorridos.

De tudo. Por tudo. Para tudo.

Diria o grego Aristóteles, *Diálogos sobre o ser enquanto ser, a especulação em torno dos primeiros princípios e das causas primeiras do ser e do mundo*.

Turma do Zé Goró...

A construção incansável de utopias, com a certeza fazendo de que, num dia qualquer, de um ano qualquer, de um século qualquer suas utopias se transformarão em ideologias.

Que tal?

Uma nova ordem política, econômica e social, onde a maioria, proprietária do sem tudo, se integrará à minoria proprietária do com tudo.

A ideologia da redenção.

Ideologia sem as famigeradas adjetivações.

A libertação da Humanidade, sem tergiversações.

Turma do Zé Goró...

Digna na dignidade, dignificando a própria Humanidade, procurando fazer da vida uma vida menos áspera de se viver.

Vida da vida, uma dádiva da vida.

Vida que dança a suave e doce balada da vida, em sua terna e eterna fusão dialética.

Suave e doce balada da vida de homens e mulheres das lutas lutadas e por lutar.

Homens e mulheres gerados e enraizados na coragem, na dignidade, na honestidade, na coerência.

A Turma possui aquelas qualidades dentre outras tantas mais.

Qualidades acobertadas pelo manto da simplicidade, da humildade e da modéstia, mas, contraditoriamente, uma Turma possuidora de caráter próprio, jamais afetado por elementos estranhos.

Aqueles desprezíveis diabinhos que perambulam, espaço afora e espaço adentro, procurando corromper, destruir e prostituir os homens e as mulheres de verdade.

Diferentemente de homens e mulheres de e da in-verdade.

Diferentemente de companheiros camaradas.

Suave e doce balada da vida...

Suavizada e adocicada pela Turma, tanto faz, como tanto fez, no recinto do Bar Tolomeu ou nas margens do Ribeirão São Bartolomeu...

Bar Tolomeu ofuscante por outras tantas figuras ímpares.

Presentes, presentes mesmo ou presentes nos papos e discussões desenroladas no pedaço e no espaço.

Fariam eles parte da Turma?

Claro que sim!

Por que não?

Falar o quê?

Do que falar?

O que analisar?

Analisar o quê?

Assunto não faltará!

Cumplicidade destas brancas páginas de tinta manchadas pela fraude, pela mentira, pela traição, pela injúria, pela simulação, pela impostura, pela hipocrisia.

De companheiros camaradas.

*Cantando espalharei por toda parte,
se a tanto me ajudar o engenho e arte...*

(...) Mais do que prometia a força humana...

Escreveu o lusíada Camões...

Cantando espalharei.

Inda que a vontade do escriba prometa muito mais do que possa
sua força humana cumprir... E sua competência permitir...

Perdão se tal acontecer...

Mil perdões...

Aos fortuitos, pacientes e condescendentes leitores...

RETAGUARDA

Eis aí os guardiões do templo.

Sagrado, sacro e santo, sacrossanto onde a Turma despeja suas conversas, ideias, reflexões, pensamentos, arrogâncias, soberbas e bazófias.

Contumácia das felizes tardes-noites do sexto dia de cada semana.

Sempre menos difícil do que as seguintes semanas.

Sexta-feira adorada e adorável da concubina das teúdas e manteúdas.

Ousada tarde-noite, arrojada Turma e atrevido recinto.

Dia, Galera e ambiente das ousadias, do questionar os mandos e desmandos acontecidos no Baixadão da Égua.

Ou se mais adequado ou se mais propício ou se mais oportuno, apontar excessos, abusos e desregramentos daqueles homens e mulheres macarrão.

Gente que era dura antes de entrar na panela.

Gente essa personificada em seu chefe barbudo que virou imperador, suas vestais do dedinho duro foram se esbaldar no bordel e o Baixadão da Égua continua onde sempre esteve.

Gente que cobrava ao mundo a pureza e a doçura de crianças, mas, no poder, se atolou nas impurezas e nos azedumes das fraldas descartáveis.

Pois então, que assim seja!

Não existiria a retaguarda da Turma do Zé Goró não fosse essa figura sem par. Figuraça capaz de arquitetar, fundar e colocar pra navegar um botequim cinco estrelas... Sem as pontas, é *vero*, mas cinco estrelas...

Homem empreendedor esse.

Bernardino da Silva, eterno proprietário das margens do Ribeirão São Bartolomeu e eterno proprietário dos dotes dos ordinados deste Bar Tolomeu.

Venerável figura, apesar de um estadozinho de sítio aqui... Umas censurinhas ali... Uns sumicinhos além... Umas prisõezinhas acolá... Uns... Ah, deixa isso pra lá!

Pois, então?

Nos antigamentes, Bernardino da Silva participou eficientemente da invenção de certa bebida mineiro-paulista e se transformou em bravo líder e defensor do café com leite.

Numa barraca improvisada na praça principal da cidade e nos períodos de festas políticas e religiosas, armava sua tenda.

Sempre nas proximidades dos lugares onde pudesse arrebanhar alguns grãos de café e umas tantas gotas de leite.

Fez tanto sucesso com a bebida que ultrapassou as fronteiras natais, impelido que foi a curtir doce e suave exílio, sorvendo boas goladas de seu conservador e já então ultrapassado café com leite.

Porém, a História é a mestra da vida e a chávena do café com leite é prontamente substituída pela cuia e pela bomba do chimarrão... Do velho Gegê...

Assim... Aposentado...

Pelo passado do ontem que se foi...

Pelo presente do hoje que não se fez...

Pelo futuro do amanhã que jamais viria...

Retorna à terra-mãe onde busca trabalhar se divertindo e se divertir trabalhando.

Torna-se empresário.

Micro, mas empresário.

Não mais do café-com-leite, mas como fundador e proprietário desse delicioso e puro Bar Tolomeu.

O patrão do pedaço.

Segundo o popular e – por que não? – no Anarquismo, chefe somente serve pra complicar.

Deixemos, pois, o Bernardino da Silva pra lá, sem café-com-leite... Uai!... E engolindo chimarrão... Tchê!... Goela abaixo e rabo acima.

Sem o poder constituído, talvez tudo fosse mais tenro, mais puro, mais humano.

Por isto mesmo as alvíssaras da Turma para esta figura doce e singela - Sá Pipicha, a salgadeira.

Maquinista da complicada, mas eficiente máquina do Bar Tolomeu.

De quando em vez, como sempre, esbaforidamente, Sá Pipicha, a salgadeira, de cabalístico fogão a lenha, deixa sua trincheira, adentra no sacrossanto salão do Bar Tolomeu.

Sempre expondo seus branquíssimos dentes, sempre a enfeitar

relaxante sorriso vermelho, emoldurado pelo negrume da pele.

Figuraça aquela!

Responsável pelas delícias comestíveis do lugar. Responsável pelo botar fogo na bunda das frigideiras e na bunda das panelas.

Carregando suas tradicionais banhas, arrasta surradas sandálias, vestida da contumaz indumentária que realça os contornos e o volume de peitos vastos e nádegas avantajadas.

Avental um tanto quanto marcado pelas umidades dos vapores e das gorduras de tantas e tantas frituras e assaduras.

Vasta cabeleira enrolada e protegida por um pano branco, nem tão branco assim, mas destinado a impedir que algum fio do rebelde cabelo encaracolado vá pousar onde não deveria.

Assim era ela. Assim é ela. Assim será ela.

Por muitos e muitos anos a fio.

Que assim seja!

Que assim seja!

Também para Praxedes, o garçom.

Ele era assim. Ele é assim. Ele será assim.

Por muitos e muitos anos a fio.

Que seja assim!

Um metro e oitenta. Magricelo. A própria vareta ambulante.

Não abre mão de se vestir como garçom mesmo, orgulhoso e cômico de seus mistérios no pedaço.

Bem verdade que sua indumentária traz o peso da idade nos panos.

Calça preta sem o brilho do preto.

Blazer branco, não tão branco assim, onde nossa retina clica mais para o amarelento do que para o branquinho.

O mesmo se poderia dizer de sua camisa, amarrada no gogó por prosaica gravata preta à borboleta.

Praxedes, o garçom, não deixa por menos.

O surrado traje sempre coroado pela capa de seus pés.

Meias pretas, marcadas por um furinho aqui, outro furinho ali, imperceptíveis para os menos atentos.

Sapatos?

Melhor! O sapato!

Também machucado pelos quilômetros rodados.

A vida infernizada por maldito calo, no dedinho mindinho do pé

esquerdo, o que o faz, de meia, usar naquele pé diuturnamente, combalida sandália havaiana de um e noventa e nove.

Pé direito de sapato, pé esquerdo de havaiana.

Longa vida para esse que circula pelo recinto, nossa bomba ambulante, abastecedora de combustível de caráter comestível e de caráter bebestível.

Coitada dela!

Embora apenas presente em pensamentos e exemplos, como não falar de Vó Merença, lá dos Araponga?

Exemplo de vida e máxima de exemplos.

Católica fervorosa como ela só.

Filha de Maria, tá abismada com as investidas permanentes da infidelidade, de uns infiéis, que tá pintando no pedaço.

Vó Merença, lá dos Araponga, coitada, a favor de sua santa fé e ingenuidade, só não acompanha os pulos do Padre Marcelo em razão do diabo do reumatismo, que anda infernizando suas juntas, perseguidas pelos janeiros vividos.

Mas, por trás do manto da santa ingenuidade, ela saca das coisas e seus pensamentos e dizeres sempre são citados pela Turma.

Ela, tadinha, anda dizendo que o pessoal que tá arreliando o mundo e a vida no mundo, *Quando esticar as canelas, não vai intá Nosso Pai. Vai todo mundo é intá o Demônio nas profundas do Inferno!*

Serão queimados nas chamas do limbo mais profundo do Andar de Baixo.

Sem *royalty*, pois que não dispomos de valérios e de ductos meliantes, Vó Merença, lá dos Araponga, continuaremos a usurpar sua sabedoria. Licença, Vó?

Outro, sempre presente nas lides da desvairada Turma desvairada, Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme.

Carne de pescoço feito ele só. Se não segurar a língua, tropeça nela!

Decadente chefe político, selado pelas perversas transformações da sociedade e pelos selos inda mais perversos do escoar dos anos.

Liderança daquele pequeno Baixadão da Égua, que mudara e como mudara.

O Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme, teimosamente busca portar aquela firmeza impossível de continuar existindo.

Obstinado, ele!

Vivendo do passado de comandante das forças vivas do lugar e de seus muitos alqueires de terra tragados por gastos incontrolados de xis campanhas políticas.

O Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme, jamais dispensa o surrado terno de brim cáqui, marcado e demarcado pelas marcas de amarrotados senta e levanta, levanta e senta.

Camisa e gravata herdadas de seus velhos tempos do coronelismo e apelidadas pela Turma de peças arrematadas do baú de Matusalém.

De calçado, calça aquele sapatorro carcomido pelo uso e usa aquelas polainas que protegem as partes inferiores das pernas e a superior dos pés, apoiadas no peito de seus chipes, como já dito, calçados por aquela sapatranca roída pela carcoma.

Que somasse ele mais oitenta aos oitent'anos já vividos.

São os votos da Turma do Zé Goró.

Vida longa para o Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme!

Dionísio! Ah, o Dionísio!

Como é mesmo que ele poderia ficar ausente das margens do São Bartolomeu e das mesas do Bar Tolomeu?

Claro que não!

Pelo que ele representa para a vida, consubstanciado, após o resumo introito, pela sua autodefinição. Na verdade constituída muito mais pelo que os outros dizem:

As verduras e o Muzungu não existem mais. Os telegramas, as cartas sociais, a radiotelegrafia desapareceram. O magistério está no ocaso... "Verba volunt." Ficaram os escritos - "hobby" - e com eles ficou a imagem...

Um líder religioso de Juiz de Fora me chama de "divino-diabólico". Para o ex-reitor do Seminário onde dei aula - ele, candidato a santo - eu sou um "lírico chapliniano". Um amigo da UFJF não tem dúvida: Nasceu em São Miguel do Anta e gosta de broa? É bobo mesmo!

Em Viçosa, Cirene chama-me de vadio de outras terras e cartão de visita de Viçosa. Marcondes (e)leva-me a pós-doctor em linguística pela Universidade do Calçadão. Simão diz que, de Viçosa, sei tudo e muito mais.

Estou com Zé Espanhol: "É e não é..."

Pois é... E é mesmo...

O mesmo Dionísio...

Para enriquecer esta retaguarda...

Para enriquecer esta retaguarda...

Zé Paulo... Outra figura imprescindível...

Gente!

Inquirido sobre quem sempre perde e quem sempre ganha no jogo jogado neste injusto rincão globalizado, o Zé Paulo responde, num primeiro momento, questionando:

- O que é ganhar e o que é perder?

E o sertanejo do Baixadão da Égua de Tiros, fulmina:

- Os que ganharam são os que têm...

Riqueza e poder!

Os que perderam são os que são...

Gente!

Gente!

Como o contraventor Zé Fala Fina...

Gente que as marchas e contramarchas da falta d'outras jogadas jogaram na jaula da contravenção.

Contravenção para a falta de pudor da sacanagem dos guardiões das estruturas.

Pois não?

Pois sim!

Domando. Amansando. Carreando. Enjaulando.

E tantos e tantos outros tantos andos... Ecologicamente!

Terna, simpática e doce bicharada.

Sorteando sorteios a sortear... Jogando jogos a jogar...

O contraventor Zé Fala Fina. O inocente Zé Fala Fina contraventor. Acima, muito acima mesmo, de companheiros camaradas.

Ora, ora, muito bem!

Ora, ora, muito bem!

Gente que enriquece... Sem a riqueza e o poder convencionais...

Gente que tem como enriquecer quaisquer retaguardas por serem gente...

Retaguardas do Bar Tolomeu...

Ou não...

Retaguardas das margens do Ribeirão São Bartolomeu...

Ou não...

DANTE-S

Até que Zé Goró poderia focalizar, comparativamente, cenas do poema do florentino imortal Dante Alighieri, A Divina Comédia. Longe, entretanto, de este reles Zé Goró se atrever a percorrer algum dos 34 cantos do Inferno, muito menos dos 33 do Purgatório e, de forma nenhuma, dos 33 do Paraíso...

Audácia desmedida buscar inspiração naquele épico.

Cenas daqueles cenários, comparadas às cenas dos cenários dos palcos do Baixadão da Égua. Estremeceriam as sólidas estruturas e os abnegados guardiões daquela tríade fantástica onde os elementos sobrenaturais se entrelaçam e se interagem.

Assim, o injuriado Zé Goró se limita a retroagir seus pensamentos até uns anos atrás, quando cresciam as esperanças de mudanças estruturais nesta sociedade vilipendiada.

Então, Zé Goró mergulha naqueles dias em que o Baixadão da Égua se engalanava pra receber, com a razão e com a emoção, com o juízo e com a alma, o companheiro camarada Sapo Barbudo.

Uma única semana faltava para a teclagem do número. Número cabalístico, naquele momento. O treze da sorte divisando a sagração da sorte de uma nova ordem.

Confiante no taco e na tacada de 55 milhões em ação. Entretanto, fica assustado naquela já distante tarde noite com a veemência da Raígue.

A confeira chega mastigando marimbondo e dando nó em cobra. Esbraveja ela que, se fosse o companheiro camarada, ó! Neca de piti-biribas!

Mandaria esse pessoal da elite, a mídia inconfiável e seu preboste de plantão, que exigiam um debate entre os dois candidatos na TV, irem pros quintos do Inferno, pra debaterem com Satanás.

Claro, lógico e evidente! Sem essa de Dante e seu poema.

Atitude antidemocrática, uma ova!

Por que o companheiro camarada se arriscaria a colocar na reta o dele e o de seu projeto político, tão decantado como ético, genuíno, puro e lapidar?

Num debate que poderia ser outra armação.

Antidemocrático, o *catus*!

Antidemocrático, a *figa*!

Seja lá de quem quer que sejam.

Aqui, ó, pra eles!

Besta seria o companheiro camarada se tivesse ido!

Fala a razão.

Não vai!

A lição do outrora acontecido serve de lição.

A armação descarada do debate dos idos 89, quando privilegiaram o Menino-Surrão do Baixadão da Égua das Alagoas.

Os argumentos de Raígue recebem prontamente a concordância do Beia.

Mudo, mudo, até então, ele não se contém.

Ultrapassa os limites do vocabulário de salão...

Brabo, o Beia despeja colericamente suas ideias afirmando que esse pessoal *is not* mole não, Turma, e manda bala:

Oferecem a mãe embrulhada pra presente e, de brinde, uma caixa da camisinha Tiro Certoiro, da *griffe* Dasputa e uma bisnaga do creme KY, da *Johnson & Johnson*.

Tudo pra se manter no poder. Tudo pra conseguir o a ganhar.

Se bem que, desta vez, nem os bons ofícios e as habilidades da mãe, no vai e vem característico da lubricidade e no cerrar d'olhos da aflição, resolveriam o problema

Dos encrostados no poder.

Os mesmos que aqui aportaram com a frota cabralina.

Difícil!

Só que não se pode jamais duvidar da competência da corja.

Esse pessoal necessitava conseguir mais de vinte milhões de votos pra bater o companheiro camarada naquela segunda etapa.

A situação desta gente *Tava mais pra jacaré do que pra colibri*.

Nosso bom Beia, de poucas conversas, conversa, no mínimo, por um mês.

E arremata afirmando que os mesmos de sempre *et caterva* vão levar desta vez. O negócio tá mais pra ferro do que pra voto.

Depois dessas considerações da Raígue e do Beia, Zé Goró verruma os miolos e, introspectivamente, faz uma perguntinha sem-vergonha, com absoluta certeza, de interesse geral, e com a esperança de que a Turma captasse a mensagem:

E aí, pessoal?

Nós viemos aqui só pra conversar ou ingerir os líquidos etílicos e gelados, rigorosamente servidos pela competência de Praxedes, o

garçom, e mastigar as roupas de porco, temperadas e fritadas pela batuta de Sá Pipicha, a salgadeira?

Como a Turma não é de dizimar ganhos pra bispo nenhum ficar satisfeito, responde telepaticamente à indagação de Zé Goró com uma, apenas uma, dizimadora bispada:

Sim!

Ela ali se encontra pra conversar, pra ingerir e pra mastigar!

Tudo e todos numa só devoção pra descarregarem os encostos encostados em cada qual deles.

E, à mesa, para a felicidade geral da Galera e o aquecimento total do Bar Tolomeu, chega Praxedes, o garçom.

Com a benfazeja bandeja fazendo as vezes de pedestal da Lourinha Espumante, com sabor de amante, a Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri, e o Torresminho Crocante e Chocante, de Sá Pipicha, a salgadeira.

Que venha, pois, o combustível inconfundível pra fazer caminharem as verdades e as inverdades filosófais da Turma.

Isto dito e isto posto, é posta a mesa de tantas conversas, mágoas, alegrias, felicidades, choradeiras...

E de esperança...

Sobretudo de esperança...

Zé Goró observa a tudo e a todos e todos são servidos, de tudo a ser sempre servido, pelas serventias do Bar Tolomeu.

Atentamente, ouve ele a fala de cada um.

É quando Tião Perninchada dá o ar da graça informando a boa graça.

E essa graça era como se fosse um prenúncio da vitória do companheiro camarada.

Tião Perninchada afirma que, depois de ter visto o que vira trodia, ele não duvidava mais da vitória do companheiro camarada:

A coisa é sintomática, Galera!

O Maurinho, da Livraria Boa Leitura, tava em palpos de aranha pra atender uns clientes que invadiram, como bons guerrilheiros, o pedaço.

Neguim e Branquim tavam disputando, quase no tapa, todo o estoque de literatura marxista, leninista e maoísta.

Maurinho deitou e rolou nos seus negócios.

Livros de Fidel, de Tchê – o Guevara do Baixadão da Égua Cubano e do Mundo; não o Tchê fictício, aquele Tchê atracado no Baixadão da

Égua Viçoso.

Até as obras de Ho Chi Min e Henver Hoxa foram compradas. Também não se esqueceram dos escritos do comandante Mao.

O Maurinho tava mordendo as pontas das orelhas.

E o Tião Perninchada, de olhos escusos nos ganhados ganhos monetários do Maurinho, convocou o testemunho de Bete, que também presenciara a invasão da Livraria Boa Leitura.

Taí a Bete que não me deixa mentir.

Ao que ela afiança tudo aquilo dito pelo Tião Perninchada:

O Maurinho, realmente, zerou completamente o estoque esquerdistas e esquerdizante de suas prateleiras.

Faturou de montão à custa dos ex-capitalistas, dos ex-neoliberais e dos atuais neo-revolucionários e oportunistas democratas de todas as horas e de todos os quadrantes.

Marxistas, leninistas, maoístas e materialistas de tantos e tantos outros da dialética juramentados.

Socialistas desde menininhos.

Fãs de primeira hora do MST e da reforma agrária.

Adeptos incondicionais da ditadura do proletariado.

Eu, ouvindo atento, do alto de minha insignificância torço pra que o Tião Perninchada ou a Bete dessem o serviço, entregando o nome da renca que invadira a Boa Leitura.

A nomenclatura completa dos neocompanheiros camaradas ávidos por adquirirem intimidade com as coisas da Foice e do Martelo, da Pomba e da Rosa...

Antes, entretanto, que um dos dois se manifestasse, pulando na frente, Poia, até então recolhida na sua aparente timidez, entrega a todos, pra todos.

Chega ao detalhe, nem tão detalhe assim, que um deles já usava, inclusive, a barba da pogonocracia do Fidel, o Tiluís.

Completa ela, informando que tavam lá, também, outros ilustres socialistas e todos já de barba por fazer:

Jorge Atulha-Rio, Marreco Desaterro, Doutor Chiquinho, Bastião Bigode, Nando Capet'Anna, Saulo Piaba, Marco Bonffia, Zé Garrucha e Chico Foice.

E a Bete fecha o rol dos encarniçados, citando até a presença do Babá, da barraca de CDs de dois por oito ou de três por dez.

O Babá, babando, babava ânsias de aprender o que era mesmo esse negócio do *Das Kapital*. E quando é mesmo que ele deveria botar

seu carrinho de som na rua pra homenagear o novo companheiro camarada?

Zé Goró já não se dá conta de onde está.

Se plantado às margens do Ribeirão São Bartolomeu ou assentado às margens da mesa do Bar Tolomeu.

Verruma os miolos.

E, guardando a posição de mero espectador e ouvidor daquelas preleções, ouve a proposta de Poia:

Um tintim!

Duradouro... D'ouroduro... Dedo-duro...

Pros novos sócios dos socialistas companheiros camaradas!

Tintim!

Erguem todos, todos os seus copos.

Toda a Turma...

Entretanto, gente que ganha tintim, mas que, em verdade, em verdade, deveria ganhar era o afago proporcionado por certas passagens da obra de Dante.

Por fim, dantes, diferentemente de Dante, mesmo com a ajuda de Virgílio e de sua amada de infância, a doce Beatriz, esta galera de oportunistas jamais encontrará a saída subterrânea para escapar da companhia de Lúcifer.

Penso, cá comigo... Mirando *Numa estrela guia...* Divisando *Num clarão da lua...*

CALA-BAR

Quem ousou dar um cala bar no Bar Tolomeu?

Positivamente! Ninguém... Nem Zé Goró...

Tem jeito não!

Se alguém se atrever a impedir a livre expressão, a tolher o direito sagrado e democrático da informação, vamos convocar a hipocrisia da mídia hipócrita e interesseira pra impedir o possível cala Bar Tolomeu.

Então?

Zé Goró, com a mesma cara de pau de todo bandido, de Mercedes e colarinho branco ou de Havaianas e bermudão, declara que ele é inocente, jurando que ele não sabia de nada... Jamais pregaria e defenderia a censura.

De chumbo. De bronze. De prata. De ouro.

E, assim, Zé Goró dá sequência ao seu discurso, afiançando categórica e deslavadamente que ele é inocente...

Eu não sabia disso não!

Uai! Tá acontecendo isso aqui?

Eu não falei isso não!

Sou apenas um Aspone... Um assessor de porra nenhuma.

Assimilando o drama da situação, apesar dos pesares, Zé Goró põe-se esperançoso.

Afinal, o novo presidente do Baixadão da Égua saiu fresquinho, fresquinho do forno das urnas ou dos computadores.

Secretos. Sagrados. Invioláveis.

Invioláveis?

Resposta para Chico Cherek-a, nas eleições de 89, no Baixadão da Égua Mineiro, e que, como prêmio, ganharia, mais tarde, um collorido ministério. Um comportamento que me dá a liberdade de achá-lo um meliante. Bandido ele, não?

Com Mercedes e colarinho branco, sem Havaianas e bermuda, mas becado e togado.

Voltando à vaca fria, felizmente... Sim!

Felizmente o eleitor exerceu o inalienável direito e dever de votar e os responsáveis pelo processo de captação dos votos, apuração das urnas e proclamação dos resultados cumpriram seu direito e dever.

Talqualmente o menininho da estorinha.

Afinal dos finais, dialeticamente, Zé Goró encontra-se também em estado de penúria... Pensando... Pensando... Como sempre...

Quem dera numa *Estrela da manhã raiada* para o deleite dos meus pensares?

De repente, entretanto, não mais que de repente, esta massa encefálica, um tanto quanto gasta, é invadida, não pela dita estrela, mas por terrífico meteoro fusiforme.

Surgem interrogações e questionamentos funestos:

E se o companheiro camarada, chegando ao poder, vestir as vestes vestidas por Calabar?

E se o companheiro camarada, chegando ao poder, beijar as faces beijadas por Judas?

E se o companheiro camarada, chegando ao poder, alcaguetar os alcaguetados por Silvério?

E se o companheiro camarada, chegando ao poder, fizer as vezes de Calabar, Judas e Silvério?

E de tantos e tantos outros traidores declarados ou não, destas e d'outras terras e eras e de todas as veras?

E se, na retaguarda do companheiro camarada, estiverem forças que o empurrarão para fora do círculo dos excluídos e outras que o atrairão para dentro do campo dos incluídos?

As famosas forças centrífugas e centrípetas cantadas e decantadas pelas ciências físicas.

De qualquer modo, o tempo dirá.

Espanquem-se tais hipóteses obscuras e que venha a festa cívica.

Pra defenestrar o bando de corvos, abutres e hienas que saquearam e pilharam tudo. De todos.

A dignidade, a alegria, a sinceridade, a honra, a felicidade, o futuro.

De todos. De tudo.

Deixemos de paranoias e rodeios, pois seria salutar voltar aos pensamentos do *happy hour* da ida semana.

Entretanto, para que seus pensamentos não sejam interrompidos, Zé Goró convoca o meio de campo para abastecer a mesa, conforme o ritual bartolomaico.

Claro, lógico e evidente que todos concordam prontamente com essa Boa Ideia.

Assim pensado... Assim acontecido...

Praxedes, o garçom, e Sá Pipicha, a salgadeira, fazem chegar à

mesa a Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri, a Lourinha Espumante, com sabor de amante, e o indispensável Torresminho Crocrante e Chocante...

Mesa abastecida, Zé Goró encontra-se deverasmente feliz com o desempenho da Turma.

O papo rola sobre o ibope que o papo da sexta anterior rendeu.

Buchicho pra tudo quanto é banda.

O Saru interroga se a Turma se lembra da conversadorança sobre a invadida invasão ocorrida na Livraria Boa Leitura.

Politiqueiros municipais nada viçosos... De certo Baixadão da Égua de vícios viçosos... Disputavam, sem viço, no tapa e na força, todo o estoque de literatura marxista-leninista.

Alvorçados que se encontravam diante do novo quadro político-partidário que pintava no Baixadão da Égua.

Todos querendo entender os meandros do *Das Kapital*.

Pois, então?

Beia, Raígue, Saru, Poia, Tião Perninchada e Bete estão animados com a repercussão das tais e quais falas e continuam puxando o fio da meada.

Afio meus fantasmagóricos ouvidos e mando que eles, fantasma-goricamente, ouçam os ditos, falados e murmurados.

Destarte, Bete, toda vaporosa, expeliu empostados vocábulos chamando a atenção da Galera:

Alerto para o fato de os neossocialistas e neo-ex-liberais não passarem dos mesmos de sempre.

À cata de moleza, talqualmente aquela encontrada nas Tetas do Alição, e que agora, novidade à vista, também avançam sua desfaçatez nas questões sagradas da religião.

Camarilha danada aquela.

Prosseguindo, Bete cita a venerável Vó Merença, lá dos Araponga, tadinha dela. Anda dizendo que o pessoal que tá cometendo essas heresias e porcarias contra a fé haverá de ganhar, isto sim, uma exemplar excomunhão.

Serão condenadas a fechar suas bocas com o cautelar silêncio obsequioso imposto pela Benedita Sacra Congregação da Inquisição Universal.

E a Turma, impaciente com os rodeios de Bete, brada, impaciente e interrogativa o famoso qualé, ô Bete?

Qualé o barato, desta vez, ô meu?

Simples e barato meus Caros Watsons:

Com o apoio quase maciço dos Evangélicos ao companheiro camarada, tem muito Neguim e Branquim virando evangélico.

Comunistas evangélicos. Evangélicos comunistas.

Neguim e Branquim carregando O Capital debaixo do braço...

Neguim e Branquim carregando a Bíblia debaixo do braço...

É mais-valia pra cá... É força-de-trabalho pra lá...

É exército de reserva pra cá... É luta de classe pra lá...

É Velho Testamento pra cá... É Velho Testamento pra lá...

É Levítico 19.20 pra cá... É Deuteronômio 2.3 pra lá...

Depois de marxistas-leninistas-maoistas, materialistas, dialéticos do concreto juramentados, desde criancinhas, afirmam também que, desde menininhos, nutriam fervorosa simpatia pela conduta dos Evangélicos.

Admiram a forma com que pregam a palavra do Senhor.

Cortantes. Agudos. Penetrantes. Incisivos.

Diretos... Retos... Nos retos fiéis...

Alguns declaram ter frequentado templos e cultos e, piedosamente, cultuado o Senhor sem se esquecer, fica claro, de doar o bíblico dízimo.

Pra obras. Pra obreiros. Pra obradas.

Coisas da fé, Turma minha! Maminhas do Alição!

Afinal das quantas, essa gente sempre obrou bem. E bota bem obrado nisso!

Coisas da fé!

O dom de Deus...

A primeira virtude teologal aquela adesão e anuência pessoal a Deus, seus desígnios e manifestações.

Assim, todos ficam a salvo de encostos, descarregos, embaraços, obstáculos, estorvos, mandingas, mandês...

À vista disso, Zé Goró, recolhido a sua insignificância, prossegue observando o papo.

Tião Perninchada dá seu pitaco:

De dedo em riste, afirma que Bete tá gastando as coisas, das coisas, das Santas Escrituras.

O Saru parece que, de quando em vez, versa coisas da beatice.

Até então na sua, Raígue entra na conversa, sorvendo outro gole da Lourinha Espumante, com sabor de amante:

Reafirmo que a banda toca mesmo é nesse tom.

Trata-se do processo dialético no embate histórico gerando suas contradições.

Tudo amigo do Fidel. Tudo amigo do Macedo. Tudo amigo do Benedito.

E conclui emitindo seu brado de alerta:

De olho neles!

A Turma do Bar Tolomeu deve ficar na cola deles...

E, antes que me esqueça, diz Zé Goró, que tal uma pesquisazinha sobre o segundo turno do pleito de domingo próximo, Galera?

Quem vai votar em quem?

Sem dúvida, uma Boa Ideia, sem ser no Bar da Boa. Aquela gostosa Boa, mas morena... E pra outros bicos.

Ao contrário da Lourinha Espumante, com sabor de amante, e... Nossa, pros bicos nossos, de cada sorvida nossa, de cada sexta nossa.

Raígue, Tião Perninchada, Poia, Beia, Bete e Saru, a uma única voz e a um só pensamento, manifestam-se no ato:

E precisa de pesquisa?

A Turma é consciente e sabe o que deve fazer no domingo.

Cento por cento dos nossos votos canalizados para o vale-rio e para o ducto do companheiro camarada.

Uma mãozinha... Zinha pra transformação de um mar de lama em um mar de grana.

Às urnas, camaradas companheiros!

Vote no Macacão!

Ão! Ão! Ão! Queremos Macacão!

Ão! Ão! Ão! Macacão é o nosso bão!

De modo extraordinário... De modo excepcional...

O bão à moda bambão! Mesmo de macacão.

Ou alguém, aqui, falou no aumentativo de macaco?

Nesse instante, adentrando no pedaço, com sua indefectível bandeja, trazendo nova carga da Lourinha Espumante, com sabor de amante, e do Torresminho Crocante e Chocante, de Sá Pipicha, a salgadeira, Praxedes, o garçom, deixa a Galera com a pulga, não atrás da orelha, mas dentro da própria.

Zé Goró aguça os ouvidos inda mais e dá razão à teoria de Praxedes, o garçom.

Ele diz que tá ouvindo o papo e que não entende muito de política e que muito menos tem o discernimento da Galera. Mas, humildemen-

te, deseja fazer uma pergunta:

Ééééé que... Ééééé que... Ééééé que...

E Raígue, impaciente, berra com o grande praça:

Vai, Praxedes, o garçom, pô! Desembucha logo! Qualé, pô?

Ééééé... Seguinte, Turma:

E se o companheiro camarada, no fundo, no fundo mesmo, for um *light* paz e amor demais pro nosso gosto e pro gosto do Baixadão da Égua?

E se virar tese a hipótese levantada durante as greves do Abecedad Baixadão da Égua?

E se, realmente, o companheiro camarada e seus companheiros e camaradas foram criados e permitidos, pelo gênio perverso do Golbery, à imagem e semelhança do Solidariedade do Baixadão da Égua de Woytila?

O trabalhismo idealizado, consentido e permitido nos estertores da ditadura militar, já perdida no gingado do mactismo.

Perder os anéis pra não perder os dedos, fulminaria o Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme.

O trabalhismo incorporado pelo modismo e/ou oportunismo da burrogentsia Usp-ana, Puc-ana, Unicamp-ana... Dentre outras tantas academi-anas.

A invenção diabólica do trabalhismo miquelino imbuído da missão de tolher o retorno do trabalhismo de caráter próprio... Histórico.

De luz própria... De brilho textual... De cor translúcida... A retomada d'*O Fio da História*, no dizer do Estadista Brizola.

Todos se entreolham com a cara de quem soltou incontrollável pum.

Aquele pum surpresa.

Vencendo surpreendentemente toda e qualquer rigidez de todas e quaisquer aneladas molas e molejos.

Acontecências que acontecem até mesmo com os melhores e mais bem travados asteriscos.

Aquele punção inesperado.

Ligeiro. Atrevido. Trovejante.

No exato solene e silencioso momento da engalanada bênção nupcial.

No exato momento em que os nubentes proferem o pomposo *Sim!* O sim acompanhado do circunstancioso *Para toda a vida, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, até que a morte os separe.*

Os tímpanos de Zé Goró doem com a reação da Turma que, em uníssonos berra:

Vade retro, Satanás!

Será?

Ao que Praxedes, o garçom, arremata do alto de sua modéstia:

Eu verei, tu verás, ele verá, nós veremos, vós vereis, eles verão.

Veremos?

Calabar... Judas... Silvério...

DECLARAÇÃO

Que os Anjos...

Que os Querubins...

Que os Serafins...

Que todas as figuras espirituais...

Entes apontados pelas teologias cristã, hebraica e islâmica, sirvam de mensageiros entre Deus e os homens.

Incluam-se também - e por que não? - todas as figuras espirituais.

De todas as crenças, credices e crendeirices...

Façam soar suas trombetas da anunciação e anunciem o perdão eterno para Zé Goró.

Pelo pecado de atentar contra a propriedade particular de alguém.

Além de continuar, teimosamente, a morder avantajados nacos do atacado e esnobando o proposto - o varejo. Como se possível fosse a existência de um sem o outro e do outro sem o um.

O reles Cidadão do Mundo vai chupar um texto do Xico.

Mais precisamente o último texto de seu *No Reino de Fundanga* por ele batizado de *Declaração*.

E que ele próprio, o Xico, em sua infinita misericórdia, também perdoe este irmão de fé e companheiro camarada autêntico.

Segue, pois, a *Declaração de Voto* anunciada pelo Xico, às vésperas do segundo turno, e que levaria o companheiro camarada, através de mais de meia centena de milhões de votos, ao centro do poder no Baixadão da Égua.

Não é perguntado, mas é claro, lógico e evidente, que a Turma concorda com a iniciativa. Chupar o texto do Xico por sua atualidade, interrogações e, de certa forma, premonições. Beia, Raígue, Tião Perninchada, Bete, Saru e Poia batem palmas pelo sugar, pelo chuchar e pelo sorver a *Declaração* do Xico.

Naqueles idos tempos em que *a esperança desejava espancar o medo*.

Que o leitor se delicie com esta boa roubada, no bom sentido e perdoável. Os Anjos, os Querubins e os Serafins já o fizeram:

Os três tempos indelévels - Passado, Presente, Futuro - da Sobe-rana, inculta e bela História têm gerado e parido a Verdade, através da sensível e cruel, terna e feroz dança Dialética. "A História atropela

todo aquele que a quer impedir”, segundo um trovador do Reino de A Ilha.

Verdade indelével para Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados que habitam e abundam, abundantemente, o Leque Ideológico - Extrema-Direita... Direita... Centro... Esquerda... Extrema-Esquerda... Volver! Ou quaisquer combinações outras.

Felizes daqueles iluminados seres humanos, capazes de, sem bruxarias, adivinhações e mandingas, podem fazer premonições, divinando o Futuro, fundamentados na leitura de Histórias Passadas. E se rejubilam iluminados que foram, são e serão, no Ontem, no Hoje e no Amanhã. Indicam caminhos.

Os não-iluminados, do Ontem, sabe-se lá por quais desígnios, felizmente, conseguiram enxergar, para a satisfação geral do Reino, o iluminar da História.

Lamentável, porém, a Sociedade Fundanguense estar pagando elevado preço pelo triste e retrógrado “Fora do nós não há salvação”. Sectarismo na postura e no purismo do agir, como donos de uma Verdade que a História, depois de vint'anos, desnudou. O priapismo do dedinho duro e o narizinho arrebitado de cheirar pum recolheram-se às próprias insignificâncias. A Estrela se quedou, finalmente, à realidade da postura de Líderes Estadistas por ela postergados. Preconceituosa, ignorava que a História não começou nas greves dos Burgos Abecedais do Puta Condado, Ô Meu! Que os acordos são necessários num Sistema pluripartidário. Enxergava caudilhismo em tudo e em todos. E, assim, por assim dizer... A História ofuscou a empáfia da Estrela.

Infelizmente, os erros Históricos cobram altas faturas da Sociedade e o Reino acumulou imenso número delas. Limite quase insuportável, com graves consequências para o Reino e para o conjunto de Reinos, também Explorados, Mundus Horrendus afora. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Antes tarde do que nunca! Será que sim?

Conclusiva a declaração do Operário Honoris Causa, candidato a Imperador, no encontro mantido com Os Donos da Cocada Preta e com os Cocada Preta. Presentes, uma salada significativa de Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados e, claro, de Súditos, muitos Súditos. Lá estavam: O Doutor Roberto, o Dono do Jogo; Boris Borrão, o Treinador; Zemaria, o Comentarista; Pepê, o Jogador e Babaquino, o Gandula. Uma festa de arromba no Puta Condado, Ô Meu! Na oportu-

nidade, sentenciava o Operário Honoris Causa, candidato a Imperador e que viria a sê-lo:

O Reino de Fundanga já perdeu muitas oportunidades e não pode perder mais uma.

Aleluia! Aleluia! Antes tarde do que nunca!

Uma declaração do Candidato Estrelado a Conde, do Distrito Imperial, no Alvoraçado Planalto:

O nosso Partido, hoje, compreende que, para governar o Reino de Fundanga e o Distrito Imperial, precisa ir além de suas fronteiras. Por isso o meu governo será de coalizão, inclusive superando as barreiras ideológicas.

Hosana nas alturas! Antes tarde do que nunca!

Outra declaração do Operário Honoris Causa em entrevista:

Ninguém tem o direito de fazer experimentações nem de brincar com o Povo Fundanguense.

Ave! Ave! Antes tarde do que nunca!

Por estas e por tantas outras... Este Suserano que jamais endureceu o dedo e nunca arrebiteou o nariz, faz, solenemente, esta declaração:

DECLARAÇÃO DE VOTO

Este Súdito declara, para os devidos fins, que votou no Operário Honoris Causa para Imperador deste Reino destas Fundangas Varonis.

Em que pesem apoios do candidato a Vice-Imperador Alencar, do ex-Imperador Sir Ney, do Conde Itabirras, do Candidato a Vice-Conde Clésio, do Conde Axé-M e de incontáveis outros Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados. Mais duros de engolir do que um Sapo Barbudo. Em sendo assim... Engolir é preciso.

Com "nós" e com os fora de nós, sim, pode haver salvação. Que esta salvação, no Possível Histórico, aconteça sob os auspícios do Operário Honoris Causa. Que hay que endurecerse, sin perder la ternura jamás. Conforme ensinamento do Ernesterno Guevara.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... O Poder aturde. Que ninguém tenha que voltar a usar o macacão de torneiro mecânico. Tal qualmente, o Companheiro Lech Walesa, grotesco bonifrate, títere e fantoche da Direitona do Reino de Woytila. Boneco abençoado pelo peleguismo do Solidariedade do Sumo Sacerdote, enquanto útil.

Mas, porém, contudo, quicá, todavia... O Poder aturde. Que ninguém ouse transformar o Conto do Vigário no Conto do Operário.

Aleluia! Aleluia! Hosana nas alturas! Ave! Ave! Antes tarde do que nunca!

Com tudo isto e por tudo isto... Nestes Mundi Horrendi, nestas Fundangas Varonis, nestas Roças Gerais e nestas Sapitucas Viçosas... Aí, as estórias serão "quase" outras. As serão e, como ação, as serão! Não? A História dirá!!!

Assim, pois, pois...

Aí, as estórias serão "quase" outras. As serão e, como ação, as serão! Não? A História dirá!!!

Para este Zé Goró fica límpida, polida e brilhante a conjuntura, Turma varonil de encantos mil... Beia, Raígue, Saru, Poia, Tião Perinchada e Bete... Toda a Turma do Bar Tolomeu e mais de 54 milhões de habitantes do Baixadão da Égua encontram-se profundamente decepcionados, atraíçoados, enganados.

Onde encontrar a ética, a honra, a verdade?

E, fundamentalmente, o dedinho duro desses esquerdistas e revolucionários patranheiros e petanheiros?

Loroteiros das lorotagens?

Gameleiros, em torno da gamela, se lambuzando e se besuntando nas carnes e nos sangues que não lhes pertencem?

Até os ossos, chupam...

Ao ápice, o escorrer pelos lábios, aos borbotões, o líquido composto por espermatozoides e pelo plasma seminal.

Gulosos companheiros camaradas, pois não?

Pois é!

Zé Goró repete o dito, dito páginas atrás, onde fica o dito pelo dito mesmo, com as interrogações e afirmações abaixo:

Falar o quê?

Do que falar?

O que analisar?

Analisar o quê?

CONSUMATUM

Afinal dos finais, que papelão, companheiro camarada!

Pois, então?

Que papelão!

Exclamações e interrogações às quais se dá o direito de exclamar e interrogar Zé Goró.

Direito adquirido por ele e, evidente, pela Turma e pela penca dos homens e mulheres que acreditaram *No cesse tudo que a antiga musa canta.*

Pois, então?

Que papelão!

Filhos dos filhos, dos filhos, dos filhos dos poderosos.

Hábeis condutores e mentores de um Cara em macacão embrulhado, ávido para encontrar sua *Lenda Pessoal*, como diria o laureado curandeiro das panaceias da felicidade, o mago Paulo Coelho...

Trabalhadores sem quaisquer intimidades com máquinas-ferramentas.

Jamais se apresentaram ou foram apresentados a uma simples chave de fenda... A uma pá... A uma enxada...

Picaretas!

À logomarca revolucionária, sim!

Conheciam como ninguém certa foice e certo martelo sobrepostos e de amarelada cor, colorizados por uma nascitura, mas natimorta estrela.

De-cadente estrelar.

Nada a ver com *A estrela da manhã raiada.*

Militantes límpidos prosélitos, claros, transparentes e cristalinos do Baixadão da Égua.

Proclamando-se sem manchas ou nódoas.

Cândidos. Virginais. Castos. Imaculados. Vestais.

Único partido, partido mesmo, embora partido em doze, treze partes ou mais partes, também entre si partidas.

Cândido. Virginal. Casto. Imaculado. Vestal.

De puros-sangues, raça pura, sem cruzamentos d'outras raças.

Pois, então?

Que papelão!

Éticos dos escalafobéticos!

Em que céus e mares se escondeu a ereção incontrolável do dedinho duro?

Apontado cobrando cobranças e lagartanças daqueles outros, ditos manchados pelas impurezas da realidade e do possível histórico.

A batalha ferrenha da raça ariana, contra impuras raças, talqualmente certo *Reich* de bigodinho à nazista moda.

O dedinho rijo não passava de flácida rigidez.

Rigidez de meia engorda.

Priapismo brochado.

De estéril e inútil *Viagra* com data vencida.

Transformaram o conto do vigário no conto do operário.

Assim é que, virginais companheiros camaradas, *Em vossas mãos, entrego o meu espírito!*

Em transmudado voto!

Consumatum est!

A Galera encontra-se indignada.

Afinal dos finais, indignada não é bem a palavra.

A Turma tá é mesmo femeaça da vida para os pudicos e puta-da-vida mesmo para os impudicos.

Muito bem!

Está certo!

A Turma antenada.

Situa-se. Liga-se.

Lembram-se das hipóteses antes levantadas e das conversas antes conversadas e encerradas?

Encerradas com a estranha conjugação do futuro do presente do verbo *Ver* tascada por *Praxedes*, o garçom.

Alguém se lembra?

Pois então?

Pois então que, a uma só voz, *Tião Perninchada*, *Raigue*, *Saru*, *Bete*, *Beia* e *Poia*, verdadeiros pêns da vida, mandam ver o verbo *Ver* naquele tempo:

Eu verei, tu verás, ele verá. Nós veremos, vós vereis, eles verão...

Veem todos a todos e a tudo:

A esbórnica do cuecão cheio.

A bacanal da banca abarrotada.

A orgia da distribuição do mensalão.

A zorra do sanguessuga.

A baixaria da pensão da regra três.

A detonação da boiada alagoana no acém do senador.

A desordem do...

A bagunça da...

... O *et coetera* e tal... Onde se enquadraria a Fênix natimorta consumindo-se definitivamente, no Congonhal da incompetência e do descaso T-A-M-ico.

Pois, então?

Cada qual, de cada qual da Turma, somente não xinga os companheiros camaradas da impostura com os palavrões que ignoram.

Baixaria total no Bar Tolomeu.

Agora, que sai de tudo, ah, isto sai!

Até pachochadas das quais jamais se tomara conhecimento ou se ouvira.

O clima esquenta!

Mas é amenizado, tanto quanto possível, pela candura de Sá Pipicha, a salgadeira, que adentra no recinto, pedindo tranquilidade e anunciando, com seus alvos dentes, nunca dantes tanto expostos para o indócil grupinho:

Calma, pessoal! Sá Pipicha, a salgadeira, vai socorrê-los.

Trago uma surpresa.

E a boa cozinheira e quituteira, alto e bom som, anuncia o som que, assim, assim, deveria acalmar a indignação da Galera:

Surpresa! Surpresa! Surpresa!

Companheiros queridos e camaradas adorados.

Do querido e adorado Bar Tolomeu!

O Torresminho Crocante e Chocante é, hoje, enriquecido com uma surpresa.

Destarte, Sá Pipicha, a salgadeira, anuncia que resolvera preparar uma canjiquinha pra gorozeiro nenhum botar defeito.

Canjiquinha com aquele tempero: salsinha, cebolinha, tomate e cebola picadinhos... Sal... No ponto.

Canjiquinha abarrotada de pedra brita de toda espécie: Carne-seca, linguicinha, torresminho, costelinha, tichinha picadinha de porquinho novo e tichinha também picadinha de boizinho novo.

O Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme, exclamaria:

Igual, Sô, só a qui a veia preparava no fogão à lenha da fazenda!

Toda essa tentação, pra acalmar os nervos, claro, batizada com aquela curtida malagueta.

Assim é que, de sua confortável cadeira, Zé Goró assiste àquela cena, com a boca cheia d'água.

Correndo o risco de *aguar*, como diria Vó Merença, lá dos Araponga, se não aderisse ao rega-bofe.

Rango pra paladar nenhum enjeitar e do qual Zé Goró adorava mastigar e beber e engolir ativamente.

A Turma, imediatamente, levanta aquele brinde pra Sá Pipicha, a salgadeira.

Usam a velha expressão típica de homérica saudação pra imperadores e imperatrizes, reis e rainhas.

De vidas longas, não tão longas assim pra alguns deles que cedo perderam a coroa e outras coisas mais.

Vida longa!

Vida longa pra Sá Pipicha, a salgadeira!

Nossa eterna imperatriz e rainha!

E os copos tilintam às escâncaras devidamente abastecidos por Praxedes, o garçom, com a Lourinha Espumante, com sabor de amante.

Alento, força e vigor necessários pra saudar a cozinheira e sua i-guaria.

Ducha de água fria na braveza da Turma.

Afinal dos finais, Zé Goró fica deverasmente muito preocupado com a orgia que aquele prato faria nos calejados buchos de Tião Per-ninchada, Raígue, Saru, Bete, Beia e Poia... E no dele também...

Calejados, mas nem por isso imunes aos ataques de Baco e de seus libidinosos seguidores companheiros camaradas.

Beber, beber... Comer, comer...

Aquela canjiquinha, no fundo, no fundo mesmo, não passa da inimiga pública número um pra derrubar qualquer regime.

Contrariamente, amiga pública número um pra engordar quaisquer colesteróis, triglicérides, ácidos úricos, radicais livres e presos e mais um monturo de *et coetera* e tais e coisas mais.

Pois, então?

Pois, então que Zé Goró, já que estava na luta, era pra lutar mesmo. Enche o bucho até o derramar pelo ladrão.

Atire a primeira pedra aquele que não o faria e que, nessa altura do campeonato, não estaria com a boca cheia d'água só de pensar naquela abençoada canjiquinha.

Canjiquinha com sabor de canjiquinha mesmo e com os efeitos calmantes da oportuna inclusão do chá de ervas mistas. A ecológica

infusão e combinação de camomila, capim-cidreira, hortelã e erva-doce. Inocente e imaculado sossega-leão pra Turma sossegar.

Adrenalina em níveis toleráveis e aceitáveis...

Prato servido, copo sorvido.

A calma sobrevoa a cachola de cada qual, invadindo o ambiente.

Tranquilidade no Bar Tolomeu.

Todos comem sabedores, entretanto, dos malefícios intrínsecos daquele prato.

Porém, infinitamente inferiores à traição dos companheiros camaradas que tomaram posse e abusam do Baixadão da Égua.

Tranquilidade no Bar Tolomeu que, certamente, seria aniquilada impiedosamente no momento em que Zé Goró entrasse na consciência de cada qual.

Afirmando e reafirmando que ruim com o companheiro camarada, pior sem ele.

E aí?

Aí que, ruim ou pior...

O ruim e o pior é o que os companheiros camaradas fazem.

Sempre fizeram...

Desde que *Inventaram andar pra frente e defecar de cócoras*.

Nele, não! Outra vez, não! Não! E não!

Claro, lógico e evidente que sim!

Sim! Sim! Sim!

E em quem, então?

Coisas do Baixadão da Égua...

Como diria o Dionísio:

Vou tampar o nariz na hora de votar!

Você, também, Turma, faça o mesmo!

Tampe o nariz e estamos conversados! Tampe o nariz e estamos escrevendo!

Conversa vai, conversa vem... Vai escrito, vem escrito...

Bem conversado! Bem escrito!

Pra variar...

Nós chegamos lá...

TIRA-GOSTO

SEGU...INDO

Enfim... Seguir seguindo...

Afinal dos finais, que se espantem e espanquem as estórias do companheiro camarada, seus pares e ímpares, navegantes de carona na frota portugalense como clandestinos.

Penetraram e se infiltraram nos porões das naus e nas barbelas da nata porca e vadia que invadiu o Baixadão da Égua procurando moleza, não apenas e tão somente, nas Tetas do Alição.

Moleza no mole da flacidez de nativa gente e de natureza nativa.

Miseráveis gentes. Naturezas míseras.

Naus e caravelas pertencentes ao capital de fato e de (in)direito invadidas pela força-de-trabalho de fato e de (vil)direito. Os párias infiltraram-se nos nobres.

Pois, não?

A História venceu tempos e costumes.

De clandestinos entraram na panela...

Amoleceram...

Sucumbiu a dureza mergulhada na aquosa temperatura.

Perderam-se na farsa.

O tesudo. A tesura. O tesão.

Dos companheiros camaradas.

Pois, não?

Pois então deixemos, Turma, essa gente personificada no Sapo Barbudo que se transformou em imperador, suas vestais do dedinho duro foram se esbaldar, relaxando e gozando, no bordel. E o Baixadão da Égua continua onde sempre esteve.

Assim é que, seguindo, em outra mais sexta-feira, cá está a Galeira, no sagrado recinto do Bar Tolomeu e nas conspurcadas margens do Ribeirão São Bartolomeu...

Pra novas conversas e novos papos...

Membros a postos, mesa servida...

De repente, não mais que de repente...

Entreolham-se todos.

Assustados. Intimidados. Atemorizados.

É como se tivesse surgido do etéreo uma alma penada, daquelas errantes e vagantes almas.

Que espanto! Lá está a figura!

Mas não é!

Não aparenta forma indefinida e evanescente como as penadas almas aparentam.

Aparenta, sim, uma forma definida, porém um tanto quanto estranha.

O mínimo que se poderia dizer.

Estranha a ponto de os confrades suspeitarem de que, sem perceber, já haviam tomado todas. De que a zonzura se apossara de suas razões e de suas emoções.

Não é o delírio aparentando duas, três ou quatro. Aquelas figuras duplicadas, triplicadas ou quadruplicadas que só os bebuns conseguem enxergar.

Estupefato, Zé Goró acompanha a estupefação de Raígue, Tião Perninchada, Bete, Saru, Poia, Beia, Praxedes, o garçom, e Sá Pipicha, a salgadeira.

Estupefato também fica Bernardino da Silva, já a postos no seu posto de comandante do sítio e das tropas.

Afinal das quantas e de quantos, como diria o popular, *Quem foi rei*, presidente do Sítio, *sempre será majestade* sitiada...

E é exatamente ele, lembrando seus velhos tempos de estudante do Caraça, quando ainda se cultivavam e se cultuavam os clássicos, que dá a deixa:

Turma! Atenção, Turma!

Se os verões, que longe se vão, pesando pesado no peso da carga...

Se tanto café com leite sorvido, furando furado nos furos da cachola...

Se tanta esclerose gerada, entupindo entupido nos entupimentos de canaletes...

Pode-se apostar!

Aquilo tem tudo a ver com a imorredoura mitologia grega.

Assim, pois, pois, Bernardino da Silva despeja sua fala como nos saudosos bons tempos palacianos e palanquianos.

Galera!

Ninguém ainda está bebum!

O que vocês estão vendo me faz rememorar a riqueza da cultura helênica e que tanto assinalou o mundo.

Explicarei!

Do assombro... Da estupefação... Do pasmo....

Ao desassombro...

Acreditam nele.

Todo o entorpecimento e espanto cedem lugar à serenidade...

As retinas retornam ao seu brilho natural...

A expressão de espanto é espancada...

Relax total da Turma...

E Bernardino da Silva põe-se a explicar, didaticamente, como nas aulas de História Antiga, no velho seminário.

Seguinte, Turma:

Aquela figura, presente no recinto do nosso Bar Tolomeu, na teoria e na prática, é, realmente, pra meter medo.

Acontece que estamos tão decepcionados com os companheiros camaradas que construímos em nossas cucas e cacholas seres terríficos a nos perseguirem e a nos amedrontarem.

Capazes de representar e sintetizar todas as nossas decepções e frustrações com companheiros camaradas que cruzaram e cruzam nossos viveres.

Pois então...

A figura encontra-se presente apenas em nossas imaginações.

Não se assustem!

Nossos ids, egos e superegos...

Nossos conscientes e inconscientes enxergam e materializam para nossa visão esse horrendo ser para nossa visão enxergar.

Quem é que se encontra naquele canto e naquela mesa a curtir as nossas caras e as delícias do Bar Tolomeu?

De quem é mesmo a miragem, o engano, o sonho e a quimera diante de nós?

Nós, puros mortais?

Quem, hein, crianças minhas?

Tcham! Tcham! Tcham! Tcham!

Hidra...

A Hidra...

De Lerna...

A Hidra de Lerna, Turma!

E Bernardino da Silva, com ares de peagadeus, obtido na *The Purdue University of States*, lasca seus conhecimentos e sabedorias clássicos nos nossos peitos, os Caras:

A Hidra de Lerna, Hidra para os íntimos, Galera, é, na mitologia grega, um animal fantástico, com inúmeras cabeças de serpente que

podiam se apresentar como humanas.

As cabeças se sobrepunham a um corpo de dragão, cujo hálito envenenava todo aquele que ousasse atravessar seu caminho, que se atrevesse a desafiá-la.

Diferentes versões falam em sete, oito, nove e até dez cabeças.

Ou seja, dez cobras.

Eu acredito no cabalístico sete.

Cabalístico como não deixam de ser as mitologias... Mesmo porque, e eu sei das coisas, sete é o sete... Por que sim! E, democrática e bushmente, estamos falados e invadidos!

Uma cabeça, pois, transformada no *habitat* de sete serpentes. Um serpentário habitado por sete serpentes.

Tião Perninchada pede ao Bernardino da Silva que diminua o tom de voz, pois a Hidra poderia estar ouvindo, já que as sete cobras, à medida que o tempo passa e se alonga a aula, ficam mais e mais agitadas.

Abrem e fecham as bocas, mostrando alvas e afiadas presas, expelindo e engolindo, em movimentos pra lá e pra cá, suas avermelhadas línguas.

Bernardino da Silva continua, então, depois de baixar uma oitava: Dizia-se que uma das cabeças era imortal.

Qual nada!

A Hidra dançou sem música, como se no Baixadão da Égua estivesse.

Mortalmente derrotada por Hércules em um de seus doze trabalhos, encomendados por Euristeu, Rei de Argos de Micenas.

Herói danado aquele, Galera!

Apreciador das mulheres e do vinho.

Como não?

Pombas!

Até Lulinha Paz e Amor já descobriu *Que quase todo homem gosta de mulher* e, há muito, descobrira que quase todo Presidente aprecia a Branquinha de Cabeceira, dos Cajuri.

Presidente danado este, Galera!

Como não?

Pombas!

Deixa pra lá!

Mas, afinal dos finais, Hércules era herói, mas não era de ferro, embora tivesse ferro a revelia...

Pra dar, pra vender, pra emprestar...

Figura eminentemente simpática.

Saradão! Saradão!

Sonho de consumo de deslumbradas, carentes, necessitadas.

Espelho a ser mirado pelos homens, pois buscava destruir o mal e defender o bem, superando sempre os obstáculos que a História lhe oferecia.

No seu lutar, perseguia a inatingível aspiração do homem - a vitória da vida sobre a morte.

Capaz de derrotar a Hidra e suas sete cobras.

Tarefa que, claro, não seria empreitada pra quaisquer mortais.

Hércules cortou cada cabeça, uma por uma e, antes de nascerem duas outras no lugar de cada uma das decepadas, queimou cada uma e cada qual delas.

Saindo de mansinho, Bernardino da Silva encerra sua aula magna:

Herói do piru, aquele! Ainda se aproveitou do sangue das cabeças, e do da dita cuja Hidra. Banhou naquele líquido de plasma e glóbulos sanguíneos suas flechas a fim de impregná-las de veneno.

Veneno pra incrementar a potência e eficiência de suas setas pra vindouras lutas, batalhas e tarefas.

Herói do piru, aquele!

O maior de todos os heróis gregos!

Filho de Zeus, concebido com pecado, depois de uma bela de uma saltada de cerca daquele malandro deus com a charmosa Alcmena.

Pro desespero do maridão Anfitrião e pro germinar de suas galhadas e guampadas.

E com aquele ar professoral, com seu porte fidalgo, imponente e impoluto, Bernardino da Silva se manda no toc- toc tocado pela sua bengala de cedro encastoada de prata...

Deixando na cuca de cada qual muita matéria-prima pra muitos filosofares.

INDA...INDO

... E Bernardino da Silva se vai...

Mandou-se... Se manda...

Deixando na cuca de cada qual muita matéria-prima pra muitos filosofares.

A bola fica com a Turma.

Muito graveto pra botar fogo.

Não fosse o gás, combustível utilizado pra aquecer fundos e fundilhos das panelas, frigideiras e caçarolas de Sá Pipicha, a salgadeira, sobraria graveto até pro fogo do fogão da nossa amiga do peito.

Venerável amiga das fritadas e das frituras, das assadas e das assaduras, das cozidas e das cozeduras.

Solícito, como sempre, surge Praxedes, o garçom, com sua indelectível bandeja e seu precioso e energizante conteúdo a ser derramado em cada tulipa uma de cada um...

Depois da colher de chá do patrão... Tamos aí, Galera!

Bico aberto, bico molhado. Papo inflado, papo encharcado.

Em sendo assim, prossegue o papo sobre as coisas do herói grego:

Herói do piru!

Magnânimo herói grego.

Hércules...

Herói porreta, aquele!

... E noves-fora sua pecaminosa concepção...

A saltada de cerca de Zeus...

A traição de Alcmena...

As porretadas enfincadas na treteira esposa e mãe...

E os chifres de Anfítrio...

Todos viveram felizes pra sempre desfrutando as benesses dos frescores e alturas do monte Olimpo, a morada dos deuses.

Afinal das quantas e dos quantos, naqueles tempos, no Helênico Baixadão da Égua, não existiam, como nos tempos de hoje, no Baixadão da Égua de cá, um punhado d'outras coisas tais e quais.

Quais, hein, Galera?

Enumera Bete:

Zeus não era presidente de Senado...

Não existiam fofocas, futricas e fuxicos da imprensa...

As almas de políticos safados não eram publicamente rasgadas.

A instituição da pensão alimentícia ainda não nascera pros nasceres do putedo com a puteda...

Nasceres rocambolescos, como o fruto efeagaceano, não eram acoitados no Baixadão da Égua Hispânico...

Alcmena, a regra-três, não era jornalista...

Zeus não pedia perdão, em rede nacional, pelo escorregão e traição perpetrados contra a titular e os pimpolhos...

A *Playboy* daquelas eras não pagava oitocentos mil cascalhos pela eretiva nudez de Alcmena.

Construtoras corruptoras não pagavam o aluguel da outra que tal...

Em síntese, Turma...

Naquela época, as concubinas, os concubinatos e as concubinas não eram custeadas pelo erário público.

Nosso dinheiro!

Esbraveja Tião Perninchada.

E o bravo Tião Perninchada prossegue:

Naqueles tempos, a banda tocava diferentemente dos desafinos da banda destas bandas do Baixadão da Égua.

A sinceridade espantava a hipocrisia.

Nada de propinas. Nada de quebra de decoro. Nada de inquérito.

O cara comia, tava comido. A cara dava, tava dado. O cara recebia chifre, tava chifrado.

Mas, voltando ao Hércules...

Herói do piru, aquele!

Matava as cobras e mostrava o pau... Surgissem em seus caminhares Madalenas, Helenas, Lorenas... E, claro, Alcmenas...

Zoados pelos amigos de marimbondo-caçador, o popular marimbondo come-aranhas...

Conclui Tião Perninchada.

Saru, agitado, chama às falas e aos pensamentos a Turma, fazendo-a despertar de seu torpor:

E aí, Galera?

O que extrair dos conhecimentos agora conhecidos?

Onde é mesmo que vamos enfiar as cabeças das cobras degoladas da cabeça da Hidra?

Que lições tirar dos sete ofídios venenosos da Hidra pra nossos filósofos?

Zé Goró e a Turma, inspirados pela apurada sensibilidade do pró-

prio Saru, o autor das interrogações, tivemos o mesmo pensamento:

Fazer analogia da Hidra de Lerna, de sua cabeça feita de sete cobras venenosas com as hidras e cobras que povoam o Baixadão da Égua.

Cobras peagadeusas: Da fraude. Da mentira. Da traição. Da injúria. Da simulação. Da impostura. Da hipocrisia.

Temerários companheiros camaradas. Ousados companheiros camaradas. Audaciosos companheiros camaradas.

Que violentam...

Os Dez Mandamentos da Lei de Deus... Os Cinco Mandamentos da Igreja ou O Quincálogo... Os Sete Sacramentos... As Sete Virtudes.

Que transgridem...

Os 73 livros da Bíblia para os Católicos e os 66 livros para as religiões Cristãs não-Católicas e a Torá para o Judaísmo...

Que postergam...

As 1.019 Perguntas e Respostas d'O Livro dos Espíritos de Allan Kardec...

Que desrespeitam...

A palavra de Alá revelada ao Profeta Maomé durante 22 anos e contida no Corão - *al-Karin*, o Nobre ou, ainda, *al-Azim*, o Magnífico - o livro sagrado do Islã.

Que violam...

Os ensinamentos de Sidarta Gautama, gravados no *Dharma* e sintetizados n'As Quatro Verdades de Buda, o iluminado.

Que quebrantam...

As religiões afro-americanas e que poderiam ser exemplificadas no Candomblé, o Culto dos Orixás - O Livro de Ouro dos Orixás...

Enfim... Por fim... Afinal...

Que violentam...

Os Dez Mandamentos de Deus... E dos Homens...

As Sete Virtudes de Deus... E da Humanidade...

E de todas as convicções íntimas.

E tantas e tais outras quantas religiões.

Crenças. Crendeirices. Crendeiros. Crendices. Crentes.

Existiram. Existirem. Existentes.

E por existir.

Companheiros camaradas do serpentário residentes.

Serpentário habitado por sete serpentes.

Como as sete serpentes da cachola da Hidra de Lerna: Da fraude. Da mentira. Da traição. Da injúria. Da simulação. Da impostura. Da hipocrisia.

Zé Goró, este Cidadão do Mundo... Esta sua venerável Turma... Estes seus doces Agregados...

Plantados às margens do Ribeirão São Bartolomeu e assentados às margens da mesa do Bar Tolomeu...

Estão coléricos?

Estão enraivecidos?

Estão furiosos?

Estão enfurecidos?

Estão irados?

Com alguns lapidares exemplares de companheiros camaradas do Baixadão da Égua?

Absolutamente!

Não! Absolutamente! Definitivamente, nunca!

Estão apenas e tão somente tomados pelo sentimento fraterno e consolador da compaixão.

Compaixão! Aquele pesar que em nós desperta, apenas e tão somente, a infelicidade, a dor e o mal de outrem.

Outrem?

Outrem-s!

Companheiros camaradas infelizes... Pobres companheiros camaradas... Coitados companheiros camaradas.

Dissimulados. Fantasiados. Mascarados. Disfarçados.

Vestidos com as sete vestimentas das sete serpentes que podiam se apresentar como humanas.

Cabeças que se sobrepõem a um corpo de dragão, cujo bafo envenena todo aquele que ouse atravessar seus caminhos.

Pensando bem, atravessar seus caminhos...

Caminhos assinalados pela ambição desmedida.

Ganhos ganhos e ganâncias gananciadas.

Mais... E mais... E mais...

O ganhar ilícito como o Deus absoluto...

A usura como o senhor da razão...

... E que tudo o mais vá pro inferno...

Cantaria a Jovem Guarda, do ontem passado, para a Velha Guarda, do hoje presente... Também jovem naquele passado.

Gananciosos jovens. Velhos gananciosos.

Medíocres... Abjetos... Infames...

Dissimulados. Fantasiados. Mascarados. Disfarçados.

Como as sete serpentes da Hidra de Lerna...

Nada, absolutamente nada, a ver com as serpentes mesmas.

Ofídios venenosos ou não que rastejam mundo adentro, mundo afora seguindo os desígnios traçados pela natureza de suas naturezas.

Diferentemente... Das serpentes da Hidra.

Das serpentes de duas pernas... Das serpentes de duas patas...

Diferentemente.

TROCA O COPO!

SERPENTÁRIO

Vale, nesta altura dos filosofares, neste Bar Tolomeu...

Vale, nesta altura dos filosofares, nestas margens do Ribeirão São Bartolomeu...

Depois da degustação da Lourinha Espumante, com sabor de amante...

Antecedida pela Branquinha de Cabeceira, dos Cajuri, servidas pela presteza de Praxedes, o garçom...

Embaladas pelo Torresminho Crocante e Chocante, de Sá Pipicha, a salgadeira...

Vale, e como vale, antes de papearmos sobre as coisas das serpentes do Baixadão da Égua, fazer certas considerações.

Digamos... Umas três...

Adiante... Pra frente... Pra cima... Turma!

Vamos firmes!

Tião Perninchada, Saru, Poia, Raígue, Bete e Beia que abominam deixar díizimos pela aí...

Afinal, quais são estas tais de certas considerações, Zé Goró?

Faça-as baixarem sobre nossos curiosos corpos e almas...

Implora a Turma, em uníssono e telepático questionamento e requestamento.

Então, segurem, então...

Primeira consideração:

Façamos uma distinção e uma ressalva.

Serpentes... As de verdade... As serpentes...

Répteis ofídios!

Zé Goró assume a heresia!

Mirando *numa estrela guia*...

Divisando *num clarão da lua*...

Com a consciência pesando toneladas pesadas.

Pobres infelizes!

Preconceitos mis. Intolerâncias vis.

Infelizes delas!

Infelizes, entretanto, seríamos nós também, Turma, não fosse a serpente.

A Serpente!

Ignoraríamos eternamente o deleitoso, o delicioso e o deleitável sabor da paradisíaca maçã.

As alucinantes e as alucinações celestiais e inebriantes da perseguida fruta.

Maçãs! Ah, as maçãs... Que as digam o Adão...

Serpentes! Ah, as serpentes... Que a Eva as diga...

Às serpentes rastejantes, pois... O perdão pela alegoria... Com as serpentes andantes... Companheiros camaradas...

Fui claro, Turma?

Sim, Zé Goró, captamos a mensagem de sua primeira consideração!

E a segunda? Qualé, ô Zé?

Vamos a ela...

Segunda consideração:

A segunda é mais complicada, diria quântica, Galera!

Impossível estabelecer as características de cada uma das sete serpentes da Hidra de Lerna.

Pois, em verdade, em verdade, somos obrigados a fugir dos conhecimentos exatos e penetrar nos conhecimentos inexatos.

Perceberam, pois, o drama da situação?

Pular de cabeça nas coisas da Psicologia...

Procurando representar a personalidade de cada qual delas, as serpentes, pintando o caráter ou a qualidade do que é inerente a cada uma delas.

Buscando a individualidade de uma serpente moral.

Apontando o elemento estável da conduta de uma serpente, uma a uma.

Descrevendo a maneira habitual de ser de cada serpente, aquilo que distingue uma da outra.

Só e tão somente, se convocássemos Hércules.

Ou então... Também com a ajuda do herói...

Pular de cabeça nas coisas da Psiquiatria...

Procurando coisas da personalidade antissocial de cada serpente. Uma questão séria e bota seriedade nesta questão!

Personalidades psicopáticas... Personalidades sociopáticas...

Buscando nos distúrbios da personalidade de cada uma delas.

Distúrbios que se caracterizam, fundamentalmente, pela falta de socialização, resultando em conflito com a sociedade e a deformidade do caráter.

Apontando que as serpentes são incapazes de observar suas obrigações em relação a outros indivíduos... A grupos... Ou a convenções sociais.

Mostrando que, contumazmente, as serpentes do Baixadão da Égua são intolerantes, frustradas, impulsivas, egoístas.

Cobras despidas de autocensura demonstrada pela cara-lisa, pela cara-de-pau, pela cara-seca... Fundamentalmente.

Serpentes incapazes de aprenderem e apreenderem com seus próprios erros.

Pois que serpentes irresponsáveis na irresponsabilidade dos sérios distúrbios incontroláveis apontados pelas ciências, embasadas no freudismo.

Com a palavra a Psicologia e a Psiquiatria.

Psicopatas... Sociopatas... Serpentes bípedes.

Sem dúvida alguma, ou alguém teria alguma?

Trabalho pra Hércules.

Mais outro!

Interatuam e interagem interaliadamente.

Parecidíssimas!

Como heptagêmeas univitelinas...

Parecidíssimas!

Companheiros camaradas do serpentário habitantes. Serpentário habitado por sete serpentes. Como as sete serpentes da cuca, exemplar serpentário, da Hidra de Lerna.

Ainda outra consideração, Zé Goró?

Sim, Turma!

A última e derradeira mensagem, com a potência de mil megatons das patas do *cavalo-baio*, o *alazão da noite*...

Terceira consideração:

Seguem-se, pois, as tais e quais serpentes do dito Apocalipse.

Porém... Sem maiores pretensões, Zé Goró vai tentar...

Serpentes! Ah, as serpentes!

Surucutinga, Naja, Muçurana, Trairaboia, Boitatatá, Jararaquinha-do-Campo, Ibiboboca... As Sete Serpentes da Hidra de Lerna.

Psicopatas do dinheiro... Sociopatas da bufunfa...

A quaisquer custos.

Bípedes.

De duas patas... Pateando patadas... Mandando o casco na dignidade, na alegria, na sinceridade, na honra, na felicidade, no futuro.

Caminhando os tortuosos caminhos... Da fraude, da mentira, da traição, da injúria, da simulação, da impostura, da hipocrisia.

Cobras. Cobrões. Cobrinhas.

Oficiais dos ofícios oficiosos e artistas das artes arteirosas exercidas pra prestarem serviços a si próprios.

Pessoa de má índole. Pessoa de mau gênio.

A favor da morte. Contra a vida.

Mortificando. Castigando. Torturando. Entorpecendo.

Sempre e sempre mais no Baixadão da Égua.

Individualmente... Coletivamente...

Mundial. Continental. Nacional. Estadual. Municipal.

Pelos campos... Pelas matas... Pelas cidades... Pelos mares... Pelos rios... Pelas estradas... Pelos ares...

Umas mais altas. Outras mais baixas. A média é de metro e setenta. Diversas mais gordas. Várias mais magras. Sessenta quilos indicam a média.

Média!

E como fazem!

Fazer média... Fazedoras de média...

Procuram agradar sempre.

Malabaristas no criar para si situações favoráveis junto a alguém, junto a um grupo *et coetera*, visando tirar proveito...

Eu gosto de levar vantagem em tudo! A brasileira e sem escrúpulos Lei de Gerson...

Expliquei, Turma?

Ignoro se consegui passar, sem ruído e claramente, a mensagem.

Claro que sim, Zé Goró!

Recado enviado. Recado recebido.

Depois das três considerações... A conclusão das considerações:

Seguem-se, pois, as Sete Serpentes do Apocalipse... Exemplares exemplos dos milhões de serpentes, companheiras camaradas deste Baixadão da Égua.

Rascunhar o rascunho da feição de cada qual de cada qual.

A hora e a vez da individualidade de cada uma.

Claro! Primeiro, a primeira...

Porém...

Sem maiores pretensões...

Tentar. Intentar. Tentear.

Mas, antes, se for consenso... Nós viemos aqui somente pra conversar?

A Turma, a uma só voz, externa seu desejo:

Pra bebemorar também!

Assim acordado... Assim executado...

Praxedes, o garçom, e Sá Pipicha, a salgadeira, são convocados e, com a presteza que lhes é peculiar, fazem chegar suas serventias às bordas desta mesa do Bar Tolomeu e às margens do Ribeirão São Bartolomeu...

A Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri, a Lourinha Espumante, com sabor de amante, e o indispensável Torresminho Crocrante e Chocante...

Mesa abastecida, a Turma foi nesta...

SURUCUTINGA

Assim é que, seguindo os rumos seguidos de toda sexta-feira, n'outra mais, cá está a Galera.

No sagrado recinto do Bar Tolomeu e nas conspurcadas margens do Ribeirão São Bartolomeu...

Pra fazer tudo aquilo que é pra se fazer no apagar das luzes de outra semana...

Outra semana que se esvai no tempo que se vai...

Papos e papadas... Cervejas e cervejadas... Gorduras e gorduradas...

Pra falar de cobras e serpentes...

Comecemos, pois, com a Surucutinga... Também batizada, nas ruelas e becos da vida, como Bené da Silva. Companheiro camarada que foi rezar com dizimados recursos públicos.

A *Unu*, como diriam os velhos romanos...

Quem se habilita?

Quem se atreve?

É da Raígue o atrevimento:

A Surucutinga pros babares da minha língua de palmo. A *avant-première* da descrição de cada qual delas. Eu a reivindico pra mim.

Certo, Galera?

Sim, Raígue, concordam todos... Solta o verbo, menina! E muito cuidado pra não tropeçar na língua, arrisca Zé Goró, em frequência modulada.

Sinal verde aceso, Raígue atravessa a vereda, enveredando-se na análise das sendas caminhadas, sem rastejares rastejantes, pela bípede Surucutinga...

Depois, pois, claro, lógico e evidente, dos serviços eficientes e prestimosos de Praxedes, o garçom, e de sua eficiente bandeja.

Torresminho Crocrante e Chocante... Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri... Lourinha Espumante, com sabor de amante...

Assim, pois, deita falação a adorável Raígue:

Como suas pares e ímpares, as outras bípedes serpentes, Naja, Muçurana, Trairabóia, Boitatatá, Jararaquinha-do-Campo e Ibiboboca, a Surucutinga bípede também é extremamente arisca.

Surucutinga!

Arredia. Esquiva. Areísca.

Como exige o comportamento de uma exemplar serpente de duas pernas.

A Surucutinga não ultrapassa a barreira de raríssimas e pouquíssimas palavras.

Caladona... Caladona... Como boa quietarona... Como cobrona!

Sempre dá o calado como resposta.

Calada e silenciosa...

Uma serpente estranha no ninho.

Ninho de serpentes...

Boquirrotas. Bocas-rotas. Sabichonas.

Letradas nas letras, às vezes não tão letradas assim, das páginas de livrescas escolas burlescas não tão livrescas... Como tais e quais.

A Surucutinga, ao contrário dos opostos, é letrada nas letras das páginas de diárias labutações.

Questionada, estampa no semblante o tradicional vermelhão a pimentão maduro.

De vergonha? Como se, com ela, tivesse intimidade.

Calada como uma gaudéria. Espreitando sempre. Sempre observando.

Espiando os movimentos de outra similar ou oponente *Pra ver se pode ser ou tá difícil*, como diria o Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme.

Raígue, convidando a Galera pra molhar a goela, com ares de quem estava pra concluir sua análise, exclama:

Pois é!

A Surucutinga aprecia bem levar uns trocos, uns trocados e uns trocadinhos pros seus já abarrotados e invioláveis bolsos.

Alguém já viu serpente que se preza com os bolsos violáveis e escancarados?

Trocos. Trocados. Trocadinhos.

Chupados de quem anda, sentenciaria Vó Merença, lá dos Araponga, *Matando cachorro a grito e jacaré a beliscão*. De quem anda e para na pior... Enforcados por vil sistema político, econômico e social.

Aposentados. Aposentadas. Velhos. Velhinhas. Desempregados. Desempregadas. Trabalhadores. Trabalhadoras.

Assim, pois, pois, Turma, quer ver a Surucutinga ficar puta da vida e instilar sua peçonha?

Interroga e responde ela mesma, a Raígue:

Digam pra ela que isso é prática da agiotagem... Especular com a

finalidade de obter lucros exagerados e exorbitantes.

A usura, o lucro.

Trocos, trocados e trocadinhos resultantes dessa voraz especulação.

Porém, justiça seja feita!

Afinal, o que a pobre da Surucutinga faz é, nada mais nada menos, o mesmo que bancos e bancas, banqueiros e banqueiras executam e praticam.

Como se os gigantes da usura não bastassem pra agiotar no macro, legalizaram, de tempos pra cá, o eufemístico *factoring*, pra agiotar no micro.

Uma banquinha. Um tamborete. Uma banqueta.

Bacanas. Maneiros. Tranchãs. Bárbaros.

Gigantes ou anões.

(I)legalmente com as abençoadas bênçãos da nata porca e suja.

Nacionais. Internacionais.

Entretanto, a Surucutinga ainda não visitou paragens essas da modernidade.

Nem banco, nem *factoring*.

Agiota inda age à antiga, acreditando ser a malta abilolada.

Como um namorado à moda antiga...

Nos cantares do RC. O Rei, pros fãs.

Rei da chatice sem reino, sem trono, sem cetro, sem coroa, sem manto.

Rei da repetição, dos repetecos, dos teco-tecos.

Exorbitantes ganhos ganhados com as mesmas canções... Maquiadas...

Outra forma de usura e agiotagem.

Usura musicada!

E, insatisfeita, dando uma beliscada no prato do Torresminho Crocante e Chocante, Raígue manda brasa.

De trivela, entrega outra vara curta pra Turma cutucar a Surucutinga:

Enfatizem pra ela que todo praticante da agiotagem é o próprio... Agiota!

Dos juro jurados, pra vis e mis juras, pra orar no Baixadão da Égua *de mi Buenos Aires querido...* Jurando juro de oração e fé pros evangélicos companheiros camaradas. *Los hermanos argentinos* evangélicos... Voando voos em voador avião desviando dindim.

Ao que palpita a Bete:

Sobrarão instiladas de peçonha pra todos os ares, lugares e bares.
O deitar as gotas da mortífera secreção venenosa, sob a roupagem da malícia, da perfídia, da maldade.

Um dos baratos das serpentes...

Ao que repenica a Raígue, conclusiva:

E, como não poderia ser de deixar, uma das habilidades do tamborete dissimulado, a *Unu...* A indivisível Surucutinga... A companheira camarada Bené da Silva.

Hábil divisora das coisas do alheio e, dialeticamente, inábil somadora das coisas de outrem.

Pois então...

Gotas deitadas da terrífica peçonha...

Até mesmo deitadas nos mesmos ares e lugares do Bar Tolomeu e nos ares e lugares do Ribeirão São Bartolomeu.

Inclusive nos... Papos e papadas... Nas cervejas e cervejadas... Nas gorduras e gorduradas...

Nossos... Nossas...

De cada sexta-feira nossa.

NAJA

Esta é a *Duos*, Galera!

Naja para a intimidade dos íntimos... Que curtem uma cobra...

Assim, como assim, corre o papo.

É Torresminho Crocante e Chocante, pra cá... É Branquinha de Cabeceira, dos Cajuri, pra lá... É Lourinha Espumante, com sabor de amante, pra acolá...

Corre o papo. O papo corre.

Os copos escorrem. Escorrem os copos.

... E espicha serpente na vertical... E espicha serpente na horizontal...

Em pé ou pendurada...

Cobra endureada. Cobra moleada.

Chega a vez da *Duos*, nossa Naja, prontamente colocada naquelas posições e naqueles estados pelo confrade Beia.

Pois não, Beia!

A Naja é toda sua! Esbalde-se, pois...

Seguinte, Turma:

A Naja dilata o pescoço, quando enraivecida, e é conhecida também pela alcunha de Genuíno do Araguaia.

Beia chama, então, para si a responsabilidade de pincelar aquarelas na tela da singular serpente.

... E volta a repetir:

A Naja é a serpente cujo pescoço se dilata quando enraivecida.

Quando fica pê da vida!

Tião Perninchada interfere dizendo:

Putá vantagem, ô meu! Nenhuma novidade em se tratando da Naja.

Vive com raiva... Explode com facilidade... Vive com o pescoço dilatado...

Porém, Beia é categórico, ao retomar a palavra, causando grande surpresa:

A Naja tem tudo a ver com o polvo...

Não se contendo, Poia interrompe:

O negócio é pra cobra e serpente e não é que o Beia entra no negócio querendo vender um habitante do mar?

Gato por lebre e lebre por gato.

Como adora a ganância insaciável das serpentes, Beia?
Aprendeu com elas, Beia?
Polvo por serpente e serpente por polvo.
Eu tô falando, pessoal! Dá de tudo neste recinto!
O que tem a ver a serpente com o polvo? *O que tem a ver a bunda com a calça?* Pergunta Poia, usando uma das expressões lapidares de Vó Merença, lá dos Araponga.

Responde Beia:
Claro que tem! Como não?
Sem calça... Bunda de fora...
Que perigo!
Desfraldada. Descoberta. Desembainhada.
Solta ao vento como veio ao mundo... Entremeio a cobras...
Sei não, Poia e demais colegas!
Risco provável! Perigo à vista! Desastre possível!
E a Poia diz:
Certo, Beia! Continue!
Tudo bem, Cara... Vejamos se você consegue mostrar pra todos nós a transa da serpente com o polvo.

Que seja o relato de uma transa sem aqueles manjados diálogos ouvidos em certo gênero cinematográfico. Gênero este que a sinceridade chama de pornô, o moralismo de erótico e a hipocrisia de adulto. Colóquios desenxabidos, monótonos e insulsos:

... *Ó my baby... Óóóóóóó...*
... *Ó my God... Huummmm...*
... *Ó my baby... Óóóóóóó...*
... *Ó my God... Huummmm...*

Diz e fala Poia.
E o Beia prossegue:
Dá um tempo, Turma, que eu chego lá!
Polvo é o apelido dos moluscos cefalópodes... Aqueles que têm os pés na cabeça. É extremamente importante o detalhe, que não se trata de detalhe algum.
O polvo é também octópode. O cara que tem oito pés ou tentáculos e que vive trocando as mãos pelos pés.

Ou seja...

Possui oito tentáculos agarrados... Agarradinhos na cabeça, além,

claro, de outras características.

Características biológicas e que não cabem no recinto e no momento, Galera.

O polvo... A serpente... A Naja... O polvo... A serpente... A Naja... O polvo!

Figura exemplar da serpente guerreira quase sempre coroada em suas guerras.

Bem verdade que, de quando em vez, anda tomando umas bordoadas aqui, outras bordoadas acolá, ao lutar a luta má.

Merecidos, os cantares da borduna no lombo da Naja, diga-se de passagem.

Mas, ninguém ganha todas as guerras. Nem a Naja guerreira.

Aprecia bem colecionar uns recibinhos, datados daquela data que os domadores do Leão batizam de *ano calendário* pra usar no *ano seguinte*.

Assim é que, Turma, não é fácil falar apenas de serpentes. Sacaram que além da cobra... O polvo... E agora, o leão.

Leão sacana este... Como as serpentes...

Conseguiu a proeza de transformar, neste nosso Baixadão da Égua, salário em renda. E tome *IR* retido na fonte pra goela e pros rugidos do Leão.

Goela insaciável e rugido sacana como o apetite das gananciosas serpentes, das ambições dos polvos e onzenas dos leões...

Que se volte, porém, à Naja.

Carrega e transporta consigo a sutileza de uma jamanta de nove eixos e de 34 rodas.

Estende seus oito tentáculos e, se bobear, faz nascer, num passe de mágica, mais uma meia-dúzia de doze. Espargidos em todas as direções.

Isto é meu, ninguém tasca! Eu vi primeiro! Isto também é! Qualé?

Como portadora de bolsa tintória, tinta, pinta e turva o pedaço e quem nele se encontrar.

Turvando como o turvo do ontem Rio Turvo, de águas límpidas, e o hoje Ribeirão São Bartolomeu, de turvas águas turvadas.

Turvando enxergares de opositores, concorrentes e adversários.

Habilidades mis pra esvaziar o conteúdo daquela sacola...

E encher a sua.

A perda de tinta perdida pro ganho de mango ganhado.

Mango... Muito mango, mesmo!

Bufunfa, Turma!

Veneradora louca pro jimbongo, pra estaleca, pro tuncum.

Mangando e bufunfando sempre...

Porém...

Ignorando, sempre e também, a inquestionável verdade das verdades. Verdade ameaçadora e alertadora pros homens e também pras bípedes serpentes:

Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris. Que traduzida, com os bons ofícios do Dionísio, trata-se da lapidar frase: *Lembra-te, homem, de que és pó e em pó hás de tornar.*

Oração irrevogável. Súplica fatal. Frase inevitável.

Para a hora e a vez do juízo final de cada qual. O inescapável momento da verdade. Da verdade conclusiva.

A conclusiva conclusão das coisas do Baixadão da Égua do Araguaia. A conclusão conclusiva das relações indecentes com macacos, gorilas e milicos. Conclusão de que o papear sobre a Naja fez nascer uma real e verdadeira zoológica zona.

Conclui Beia, chamando a Galera pro abraço.

Ou melhor...

Pro conclusivo tintim!

MUÇURANA

A *Tres* pintando na tela do Bar Tolomeu...

Saru dá seu pitaco. Ou melhor... Seu Plim! Plim!

Muçurana... A gente vê por aqui.

Saru... A gente te vê por aqui. A gente te ouve por aqui.

E é nosso amigo Saru, ligado nas coisas das beatices, mais pelo carregar desse pesado nome, do que pelo professar as coisas etéreas de dogmas e de doutrinas.

Mesmo porque, Saru anda distante, muito distante daquela prática sacrílega de, durante o dia, afanar bezerros d'ouro e, durante à noite, contritamente suplicar perdão pelos furtados afanados.

Não! Positivamente, não!

Saru nunca fez concessões.

O nome Saru? Nada a ver... Com beatos, presbíteros, reverendos.

Chama, então, para si a descrição da Muçurana. Muçurana, velha de guerras e guerrilhas, registrada em cartório com o nome de Dirceu Cuequinha, o *cappo* do mensalão, mensalinho e mensaleta.

Acabou tomando na *tarraqueta*!

Eta, Dirceu!

Pois então, Saru entra ironizando a poderosíssima e a globalíssima.

Suprema deusa das crendices e dos rastros do mal, serpente que, há décadas, se transformou na tentação do Paraíso.

Dos Adões e Adãozinhos, das Evas e Evinhas - Xuxinhos e Xaxetas, Baixinhos e Baixetas - do Baixadão da Égua.

Tentação do Paraíso, plimplinzando a perseguida maçã da fama. Inda que, em cenas de explicitado sexo, nas perseguidas e convenientemente confiscadas, mas indelévels pornochanchadas e pornôs mesmo...

Uma copiazinha aqui, outra ali... Um e-mailzinho cá, outro acolá...

Do antigamente ontem, quando ainda não se faziam rainhas, como no atualmente hoje.

Gertrudes rainha... Rainha pedófila... Tamara rainha...

Nos baixinhos fissurada...

Película e películas...

De expostas maçãs, maçãzinhas, maçãzetas... Dentre outras etas tais e quais...

Maças pra todos os pobres de espírito. Incapazes de perceber o caráter pecaminoso e o amargor da dita cuja fruta.

Diferentemente da maçã da Eva. A maçã mesmo!

Saru entrou quente, pois:

Plim! Plim! Pessoal... Falarei das coisas dela. Da terceira das sete serpentes. Ela mesma! A Muçurana.

Outra mais das tais e quais que não fala mentira. Inventa a verdade, de acordo com seus inconfessáveis interesses.

Serpentais. Serpenteiros. Serpentíferos.

Exatamente por, fantasiosamente, elaborar verdades de areia, acreditando estarem seus interlocutores vestidos com modelitos de palhaços.

Muçurana... Ou Mentirona.

Falsa por falsear a verdade.

A *Tres*... Nosso três em Latim...

Bambalear. Buliciar. Bombolear

Gingando, pois a ginga da falsidade e da mentira vai vivendo a vida...

Tião Perninchada, pedindo licença, interrompe Saru, afirmando que poderia dar sua contribuição naquela biografia serpental e muçurana:

Saru e Turma!

Passa pela cachola deste Tião Perninchada que cobra tem muito a ver, e como tem, com o tradicional joguinho inventado pelo Barão de Drummond.

O Jogo do Bicho!

Hoje, tadinho dele! Inocente como as Sacerdotisas de Vesta. Inocente como as crianças.

Vestalino. Puro. Imaculado.

Comparado com outras e outros jogos, joguinhos e brinquedos originados nas peçonhas e nos venenos das cobras e das serpentes bípedes.

Prossiga, Tião Perninchada!

Curiosa, pede a Turma.

Pois bem, Galera:

Vou dar uma de Praxedes, o garçom, e servir pra vocês os conhecimentos por mim bebidos nos beberes dos conhecimentos zoológicos do contraventor Zé Fala Fina.

Conheci a posição da cobra e de seus companheiros camaradas

com esta figura singular que os anos e as distâncias levaram pra bem longe.

Posso afirmar que a cobra - ou a serpente -, a Muçurana bípede possui características semelhantes às do bicheiro.

Explico!

O bicheiro é o gerente do batizado Jogo do Bicho. Aquele indivíduo que recebe o dinheiro pelas apostas. Aqueloutro que anota as apostas em talão.

O anotador. O apontador. O banqueiro.

Bicheiro significa, ainda, uma porção de coisas outras confundindo-se com a figura da Muçurana.

Sujeitinho minucioso. Extremamente esmiuçador.

No esmiuçar de bagatelas e de ninharias.

Quinquilharias no preenchimento de boa parte de inúteis tempos gastos.

Metido a entendido. Metido a culto. Metomaníaco do conhecimento. Metomaníaco do culto.

Cultura superficial, não mais que superficial, ornada pela postura estudada e artificial.

Cancha de magnata do serpentário Baixadão da Égua.

E, como se nada disto justificasse estas considerações acerca das coisas de bicheiro, a palavra significa, também, uma vara ou um arame com anzol ou gancho na ponta pra pescar polvo. O que pode, em determinado momento, fisgar o polvo.

Pois *Galo do terreiro não foge da panela*, já dizia o contraventor Zé Fala Fina.

Taí o polvo de novo, Turma do Zé Goró!

Tião Perninchada, com essa zoológica aula magna, retorna a palavra pro Saru.

E Saru vai em frente pescando e galando e polvando:

Completando, Turma, a brilhante explanação do Tião Perninchada, que tal uma fezinha na cobra?

Vai uma no nono grupo?

Grupo que engloba as dezenas 33, 34, 35 e 36 e corresponde ao número nove.

Vai ou não vai, Galera?

Muçurana!

A terceira serpente.

Seria ela a figuração e a ostentação de um beato?

Chuparino da Rede Vida. Telespectador da Rede Aparecida. Teven-te da Rede Canção Nova.

Fantasia cortesia. Simula educação. Fabula gentileza.

A Muçurana se move pelo ardente desejo de alcançar poder, glória, riqueza, posição social.

Serpente típica da chamada burguesia decadente.

Temente a Deus, de um e noventa e nove, executa atos e fatos pro júbilo, pro regozijo, pro gáudio de Satanás.

No fundo, no fundo mesmo, a Muçurana não ignora que Deus, em Sua infinita misericórdia, perdoa sempre as serpentes dentre outros pecadores e fingidos entes. Depois de choringados *mea-culpa*, de debulhados terços e de fastidiosas ladainhas.

Autoritária esta serpente.

A Muçurana, como diriam os nordestinos do Baixadão da Égua, *Anda como cobra quando perde a peçonha*.

Vingativa. Perseguidora. Atormentadora.

Ignora sua origem... *Suja no prato em que comeu...*

Tião Perninchada volta a interromper a explanação de Saru:

Que vocabulário, Saru! Pegou pesado!

Responde Saru:

É verdade, Cara! Porém, não estou a exagerar.

A Muçurana é ofiófaga. Serpente que come serpente... Cobra comendo cobra...

Ou se preferirem...

Mercador comendo mercador com moucos ouvidos, dum e d'outro.

E, antes que me esqueça, concluindo, a Muçurana também é conhecida por outros nomes.

Limpa-campo. Limpa-mato. Limpa-pasto. Ou... Mamadeira das rasteiras.

Dirceu Cuequinha com o saco cheio de verdinhos dólares. Como sói acontecer com toda serpente de duas pernas.

Conclui Saru, agradecendo ao Tião Perninchada a enriquecedora canja.

TRAIRABOIA

Este Cidadão do Mundo, Zé Goró... Esta venerável Turma... Estes doces Agregados...

Plantados às margens do Ribeirão São Bartolomeu... Assentados à borda da mesa do Bar Tolomeu... Com assestada mira para o Baixadão da Égua...

Seguindo... Caminhando... Cantando...

O canto dos quatro cantos pros quatro cantares cantando e ouvindo.

Quattuor... De quatro... A quarta...

Trairaboia ou Mentirinha... Também epitetada de Martinha Suplicio... Aquela companheira camarada sexóloga que manda relaxar e gozar nas TPMs aéreas e outras tensões mais... Inclusive nas tensões de pico.

Serpente que jamais fala mentira...

Mentiras. Mentirinhas. Mentiretas.

Inventa verdades.

Verdades. Verdadezinhas. Verdaderetas.

Sem firmeza. Sem constância. Sem perseverança.

Incompatíveis com a lógica, com a harmonia, com a afinação.

Segundo Poia, essa espécie vive saracoteando saracoteios, achando que todo mundo é besta.

Todo mundo que, se bestar, toma picadura...

Picadura nascida de serpenteais palmas das mãos e de empalmadas das mãos.

Surrupadoras mãos. Mãos surripiadoras.

Empalmadoras!

Empalmando e surrupiando legítimos e inquestionáveis do alheio - benseseres, haveres e pertenceres.

Na cara do alheio! Na cara do cara! Na cara do besta! Na cara do mundo!

Sem compaixão. Sem piedade. Sem contemplação.

Come umas, deglute outras. Umas e outras aboca.

É picadura. É comedura. É tragadura. É chupadura.

Tião Perninchada entra no papo oferecendo seu pitaco.

De dedo em riste, pede licença a Poia e à Galera pra externar a preocupação que tomara conta de seus miolos:

Fico preocupado, Turma, ao imaginar que, se do alto de sua competência, Sá Pipicha, a salgadeira, conseguisse dar de vestir ao seu Torresminho Crocrante e Chocante.

Sim, Galera, Torresminho Crocrante e Chocante, vestido!

De roupa! É, por que não?

Vestido à feminina.

Saia e, ou vestido.

Seria outra especial atração, deste Bar Tolomeu, pra se transformar em outra atração.

Tragável pros paladares libidinosos da Trairaboia. Comível pros paladares baconianos da Martinha Supli-cio.

Bem que ela iria adorar... Relaxando e gozando...

Hummm... Hummm...

Muxoxa, Tião Perninchada e conclui:

Torresmo Crocrante inda mais chocante... Outra arte de Sá Pipicha, a salgadeira.

Tião Perninchada falou, tá falado!

Antes de retomar seu discurso, sobre o *modus vivendi* daquela serpente, Poia toma em mãos sua tulipa, leva-a à boca e sorve aquele gole da Lourinha Espumante, com sabor de amante.

Gola... Goroza... Goza... O líquido do mal e do mau caminho... Relaxadamente...

Voltando à palavra:

Pois é, Turma!

Não falta mais nada!

Lourinha Espumante, com sabor de amante, e Torresminho Crocrante e Chocante, com as vestes da feminilidade.

Dia há de chegar em que este machismo será banido do Baixadão da Égua...

E Poia prossegue:

Como as demais serpentes de duas pernas, a Trairaboia ou Martinha Supli-cio percorre sagas e veredas de estranhos e negativos sentimentos.

Intolerância. Frustração. Impulsividade. Egoísmo.

Intolerância... Como que... Intransigente com as certezas e verdades alheias.

Frustração... Pois que... Porta na alma a carga da ausência da satisfação de gananciosos ganhos e ganhuços ganhados.

Impulsividade... Então que... Irrefletidamente, obedece ao impul-

so de desejos e vontades do momento.

Egoísmo... Já que egocentrada no pernicioso exclusivismo do tudo fazendo girar em torno de si.

A nossa Poia continua fundo fundo:

Corre nas veias da Trairaboia o escorrer da peçonha impregnada daquele amor excessivo ao bem-estar próprio. Desprovida de quaisquer considerações, sem consideração aos interesses alheios.

Serpente autocéfala governante de si própria. Desprovida de autocensura.

Ditadora. Autoritária. Despótica.

Persegue o dinheiro como o perseguem personagens de Arthur Azevedo, em seus Contos Possíveis, *Os negociantes dinheirosos arregalavam os olhos concupiscentes*.

Olhos luxuriosos arregalando vistas libidinosas.

Do dinheirame. Da dinheirama. Do dinheirão.

Na defesa de ideias, sem argumentos consistentes e coerentes, se enrosca desarmônica e contraditoriamente.

Cobre o corpo de cinza.

Aquele cinzado transformado em verde... Verde que deságua num macambúzio amarelo.

Cinza... Verde... Amarelo...

Dos enlutados... Dos doentes... Dos cadáveres...

A coloração... Cinza-verde carregada de amarelo...

Macilento. Descarnado. Mortiço.

Quando? Sempre?

Quando e sempre!

Sempre quando pego c'a boca na botija em artes arteiras, como dizia o contraventor Zé Fala Fina.

Porém... Porém... Porém...

Por quê?

Por pertencer ao grupo das serpentes lisas, as perigosas escoregadas.

Deslizantes. Insinuantes.

Serpente cobra-lisa, reforça a Poia:

Lisa-cobra! Cobra-lisa!

Mona-lisa! Mala-lisa!

Contudo, desejo lançar um alerta, Galera, prossegue Poia.

Não sem antes convocar a Turma pra outra rodada, ao apagar das luzes d'outra sexta.

À saideira, pois... Personificada na Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri, na Lourinha Espumante, com sabor de amante, e no Torresminho Crocante e Chocante, sem de quaisquer outras roupas, roupagens e roupões.

Concordância total e plena pra proposição de Poia.

Saru, Raígue, Beia, Tião Perninchada, Bete e, na xepa, Zé Goró. E por que discordar, Poia?

Um alerta, pois como antes dito:

Serpentes. Serpentionas. Serpentinhas.

Cobras. Cobronas. Cobrinhas.

Cuidado! Atenção! Cautela!

Diretamente desta mesa do Bar Tolomeu... Diretamente destas margens do Ribeirão São Bartolomeu... Diretamente deste varonil de encantos mis e vis Baixadão da Égua...

Cuidado! Atenção! Cautela!

A perseguição incomensurável, excessiva e desmedida do ganho e do ganhar pode se transformar, comumente, na raiz de todo mal, que não desejamos, e pode, comumente, não comprar a felicidade que almejamos.

Quem pica com picadura de cobra, com picadura de cobra será picada!

Parodiei, Turma?

Parodiou, Poia!

Respondem todos a uma só voz, a uma só emoção...

A uma última copada!

BOITATATÁ

Boitatá... Ou melhor... Boitatatá... A quinta serpente.

Quinque pros versados nas letras e nas falas da mãe da Última flor do Lácio, inculta e bela...

Seguinte, Turma!

Serpente Boitatá. Na pia batismal foi ungida com o nome de Renan Boiadeiro.

Entretanto, pensando bem, Boitatatá fica mais sedutora. Uma serpente cheia de encanto. Pros cantares dos encantos da encantadora periodista, colega do nosso Zé Paulo.

Charmosa... Deliciosa... Gostosa... E cara!

Penetremos, então, nas coisas das coisas da Boitatatá registradas pelo folclore:

A Boitatatá é descrita pelas crenças populares como sendo o gênio que protege os campos contra incêndios.

Serpente ecologicamente correta e preocupada com o aquecimento global?

Sei lá, não! Não!

Também famosa nas lendas e contos do povo como o touro furioso que lança fogo pelas ventas, a tudo queimando.

Também conhecida como cobra-de-fogo...

Sei lá, não! Sim!

Este o introito da Bete pra descrever as coisas da quinta serpente da Hidra - a Boitatatá.

Atenção total no recinto do Bar Tolomeu. Expectativa geral.

Recinto que fica inda mais *caliente* com a chegada de Praxedes, o garçom, diretamente das profundas da cozinha de Sá Pipicha, a salgadeira.

Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri, Torresminho Crocante e Chocante, Lourinha Espumante, com sabor de amante, guardanapos, palitos, saleiro e o indispensável molho de malagueta.

Tulipas de colarinho. Tulipas suor de alambique.

Liturgia concluída... Bocas irrigadas... Beiços untados... Língua afiada... Ouvidos atentos... Em homenagem à oração beteana, da nossa Bete, nada beata.

E a nossa Bete retorna às falas:

Pois é, Galera! Onde foi mesmo que eu parei?

Ah, sim!

A Boitatatá também apelidada cobra-de-fogo...

Pois então... Esta serpente protege os seus a ganhar com unhas e dentes... E com fogaréu, se necessário for.

Aquele fogo terrível, destruidor e medonho, a fim de que, ao cessar a queimada, possa recolher o butim, encerradas suas incursões.

Ou, quem sabe?

Atacar queimando com suas picadas e picaduras!

Manobras perpetradas contra os concorrentes dos baratos, dos negócios e das transas.

Hora de ganhar... Ganhar sempre...

Bem como, transformando-se num touro furioso, pisoteando e coiceando e chifrando os ganhos e os a ganhares dos concorrentes dos baratos, dos negócios e das transas.

Momento de vencer... Vencer sempre...

Boitatatá cobrona esta, hein Galera?

Interroga, como sempre, agitadamente, o Saru.

O nosso Cara versado nas coisas da beatice, mais pelo carregar do nome do que por sua fé.

Uma fé sem fé, esta fé fezinha do Saru... Pra empanturrar os bichinhos do contraventor Zé Fala Fina.

E a Bete continua após a intervenção de Saru:

Vejamos, Turma, a síntese do abordado.

A Boitatatá é ecologicamente correta!

Continuo sem engolir essa, em se tratando de serpente bípede.

Sou mais pelas estórias que a descrevem como o touro brabo e incendiário pra tudo torrar, pra tudo queimar, pra tudo esturricar.

A serpente de fogo pra foguear os ganhos e os ganhares do alheio.

Sei lá, sim! Sim!

Serpente sabida de sabidos enes e xis nomes:

Cobra-fogo... Uma manhosa. Cobra fogo-fátuo... Uma astuta. Cobra papão... Uma trapaceira.

Além das chamuscas e chusmas de nomes, a Boitatatá inda ostenta invejável quantidade de variedades:

Baitatá. Biatatá. Bitatá. Batatão.

Galera, ninguém é de ferro!

Que tal um tintim pra brindarmos a sequência dos meus papos e das minhas papadas?

Quero voltar a um dos nomes de nossa *Quinque* bípede.

Tintim proposto... Tintim tilintado... Rodada de tira-gosto...
E a Bete retoma as papadas sobre a quinta serpente:
Peguemos seu apelido de Fogo-fátuo... Sabe o que significa esse fogo?

Diante do silêncio da Galera, a Bete manda ver:

Fogo-fátuo é a inflamação espontânea de gases emanados das sepulturas e dos pântanos.

Donde se deduz serem gases, os gases de incontáveis cadáveres dos tombados pela ganância da Boitatatá.

Diria o Dionísio, *Esta, certamente, não nasceu no Baixadão da Égua de São Miguel do Anta e não gosta de broa. Não é boba mesmo!*

Vivinha e danadinha essa serpente de duas pernas...

Conhecida também por fogaréu, combustível pra manter sempre aceso aquele fogo no rabo. Fogo pra aquecer novos e novíssimos lucros dinheirais e pra incendiar novos e novíssimos lucros baconianos. Cobra do rabo quente pra rabo quente esquentar.

Esperta. Ímpia. Jeitosa. Trapaceira.

Eu, Zé Goró, a tudo ouço, a tudo entendo. Tudo por tudo vezes tudo. E assim continua. Continua enquanto...

Bete, toda vaporosa, se prepara pro *gran finale*:

Assim, sim, Turma, é a velha estória de *Ir com muita sede ao pote...*

A Boitatatá carrega, vida afora, vida adentro, transitório brilho.

Prazer e glória, glória e prazer de efêmeras durações.

Prazer e glória nascidos do cintilar de túrbido brilho. Opaco brilho turvo.

Das trapaças. Das trapalhices. Das trapaçarias.

Toldado brilho de brilho toldado nunca conduziram quem quer que seja - nem as serpentes - a lugares fulgurantes, reluzentes e coruscantes.

Sabia, Galera?

As negativas aspirações da Boitatatá chegaram ao Baixadão da Égua do Egito, nos longínquos idos, do ido ano de 30 a.C.

Sim! Tava lá a Boitatatá!

Procurando pescoço real no suicídio de Cleópatra.

Na sensual. No sensualismo. Na sensualidade.

Da mais famosa rainha da antiguidade.

A Boitatatá tava lá! Sim! A fim de uma picada! O pescoço real procurando... O pescoço da rainha suicida!

Boitatatá bem que tentou trapacear sua coirmã. Fazer *Um negócio da China...* No Egito.

Pratrasmente jogaria a Áspide.

Picaria, com sua picadura, as gingas e os gingados, os balanços e os balanceios da rainha Cleópatra.

Fosse a Áspide uma víbora Mané quarqué pra levá Tomé de uma serpente quarqué.

Dançou a serpente de duas pernas... Bailou a Boitatatá bípede... Escorraçada da real e mortal alcova.

Com uma mão na frente e a outra atrás... Com os calcanhares na bunda! Como sentenciaria o Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme.

Porém... Conclui a Bete, estalando os dedos pra chamar Praxedes, o garçom, com sua indefectível bandeja, plena do indefectível e revigorante conteúdo. E, logo, logo, chega o conteúdo abastecedor.

Porém... Como Zé Goró disse, palavras atrás, a Boitatatá carrega vida afora, vida adentro transitório brilho.

Prazer e glória, glória e prazer de efêmeras durações.

Das trapaças. Das trapalhices. Das trapaçarias.

E a Bete fecha o papear professoralmente:

Se manca, Renan Boiadeiro! *Boi no curral dos outros vira vaca!*

Cobra no serpentário das outras vira minhoca...

Mulinha... Mulinha... Mulinha...

JARARAQUINHA

Posso mandar ver, Turma? Aventura Beia!

Claro, Beia!

Não se intimide. O microfone é todo seu... E os nossos ouvidos também.

É a sua vez de entrar, não na, mas com a serpente.

Ou com a cobra, no mais popular...

Fala Beia! Brada a Galera no tradicional unissonante grito.

... E o Beia dá início ao seu descritivo discurso. Pinceladas na Sex Serpente:

Sex...

Se alguém pensou em sex de sexo, se enganou... Bem meu... Meu bem... Pode vir fria que eu estou gelado...

Estou falando de Sex de seis.

Em arábico é representado pelo algarismo 6. Em romano por duas letras, V e I.

Tudo de cobra, nada de sexo!

A sexta serpente.

Jararaquinha-do-Campo a nossa doce e suave Severino Xique-xique - *il cappo* do mensalinho. Comandante da Câmara que foi sem que deveria ser e acabou não sendo.

Porém, pensando bem...

A Jararaquinha-do-Campo traz consigo em seu rastejar rastejando aquela voz impregnada do sotaque característico dos nascidos no Baixadão da Égua Nordestino.

Ardilosa nos ardis de alterar esquemas, planos e esboços.

Na calada da noite. Na falada do dia.

Quem sabe o sex, em dela se tratando, possa, realmente, ser sex de sexo?

Sexo...

Segundo a própria... Eu sei fazer isto muito bem...

Pena que esta serpente não endurece nunca... Nas aparências. Como boa serpente bipedestada.

Consequentemente... Nada sex. Nada sensual. Nada sedutor.

Sua aptidão visita e percorre outros campos que não os da luxúria.

Campos outros e obscuros povoados campos pelas misérias humanas. Misérias sacramentadas pela falta absoluta e total do com-

promisso com o viver.

Do viver perseguindo a transformação da realidade.

Viver a vida. Com os naturais embates da vida.

Esta serpente, ninguém, em tempo algum, poderá proclamar ter ela *Matado a cobra e mostrado o pau*, como diria o Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme.

A Jararaquinha-do-Campo só vai na boa!

Arisca, jamais arrisca.

Zé Paulo, ora e outra, gosta de repetir o sempre repetido lá pras bandas de sua terra natal, *Depois de a onça morta, todo mundo mija no couro*.

Assim é, pois, a Jararaquinha-do-Campo... Só enfrenta o couro... A cobra só enfrenta o couro...

Dorme e acorda à cata de moleza, talqualmente aquela encontrada nas Tetas do Alição.

Serpente a-histórica.

Sem passado. Sem presente. Sem futuro.

Cobra sem historicidade, fundamento propulsor de uma realidade menos desumana.

Realidade histórica. Realidade transformadora. Realidade plena.

Isenta...

De dignidade. De alegria. De sinceridade. De honra. De felicidade. De futuro.

Plena...

Da fraude. Da mentira. Da traição. Da injúria. Da simulação. Da impostura. Da hipocrisia.

Nessa altura do papo, copos vazios até de espuma, pratos desabitados até de gordura, goelas secas até de cuspe...

A iniciativa do chamamento, pra colocar ordem na mesa, é do próprio orador, nosso venerável Beia.

A natural e necessária convocação de Praxedes, o garçom, com o litro da Branquinha de Cabeceira, dos Cajuri, com as garrafas de 600ml da Lourinha Espumante, com sabor de amante, e com umas tantas 300 gramas do Torresminho Crocrante e Chocante, de Sá Pipicha, a salgadeira.

Mesa abastecida, Beia agarra o fio da meada:

Como eu dizia, Turma:

Essa serpente de duas patas, o Severino Xiquexique, segue sempre um dos caminhos seguintes:

Pode ser que, talvez, faça que vai e talvez não vá... Ou talvez faz que talvez não vai e, talvez, vai mesmo... Talvez, não...

De fazer inveja ao jogo de cintura do velho Zé Espanhol...

Inocente. Puro. Casto.

Contrariamente ao remelexo das cadeiras da Jararaquinha-do-Campo.

Jogo de cintura. Jogo de interesse. Jogo de ardil.

Assim, pois, a Jaraquinha-do-Campo... Vai fundo... Vai fundo... Vai fundo... Até o ir fundo e no fundo de tais e quais adversários, desafetos e oponentes.

Esta é a serpente maravilha.

Se mulher... A Maravilha dos quadrinhos.

A amena. A branda. A suave.

Jararaquinha-do-Campo.

Olhar de quem não quer nada. Pálpebras entreabertas, moles e molengas. Voz indolente e lânguida de quem também não quer nada.

Argumentos pra nem usar e nem sair da moita. Deixando a moita estar como está. Outros estarão na moita, outros estares.

Outros deixarão seus pescoços, em nome de ideais e realizações, à provável sanha de lâminas, adagas e espadas.

Mas, se ajeita bem-ajeitada no ajeito das ajeitadas moitas da vida.

Bem verdade, Turma, de uma vida de moitas vazias.

Vazias de voos vazios... Rasteiros... Como o rasteiro voar das serpentes bípedes.

Vida e voo... Voo e vida... Voou de volta pras bandas do Baixadão da Égua Nordestino.

Opaca. Salobra. Insulsa.

Raígue, como não poderia deixar de ser, interrompe a fala do Beia.

Seguinte, Beia e os outros:

Exímia alpinista dos pódios d'ouro pras escaladas profissionais - legais, porém imorais.

É serpente deste calibre que trabalha c'a mão do gato.

Como diria a Muçurana, do alto de seu pedestal, destripando o mico, a partir da cultura fundamentada nos cultos apagados das letras ocultas e nos cultivos das falas sumidas, *É serpente deste naipe que aplica as forças e as faculdades do ofiíideo para lograr expedita mira com a manápula do felídeo.*

Pois é... Retoma o bom Beia:

Tanto frescor, Raígue, pra dizer o dito pelo dito mesmo. Né, Raígue?

Serpente por serpente... Deixa a Muçurana pra lá! Quieta no seu desencantado canto.

Meu negócio é com a Jararaquinha-do-Campo. Ela é assim e assim será. Enrustida como ela só!

E, antes que eu me esqueça, copiando o vocabulário piegas da Muçurana, encerro meu discurso:

Hei dito!

Ao que retruca Raígue:

Hei bebido!

IBIBOBOCA

Se for consenso...
Nós viemos aqui só pra conversar?
A Turma, a uma só voz, expõe sua opinião:
Pra bebe-morar e come-morar também!
Assim externado... Assim acordado... Assim executado...
Vamos esquentar a chapa desta tarde-noite nossa de cada sexta-
-feira nossa...
Cadê Praxedes, o garçom?
Cadê Sá Pipicha, a salgadeira?
Pra nós, não vem nada?
O que seria da nossa vida não fosse a Turma, hein, Praxedes, o
garçom? Pergunta Sá Pipicha, a salgadeira.
Respondeu, no átimo, o colega da bandeja pra sua colega do fogão:
Estaríamos talqualmente como no canto daquela cantiga de roda
que a Vó Merença, lá dos Araponga, tanto cantou pros infantis ouvi-
dos de seus netinhos.
A fim de que eles pudessem ouvir o embalar de seus inocentes so-
nos e sonhos:

*Samba Lelê tá doente...
Tá com a cabeça quebrada...
Samba Lelê precisava...
Era de uma boa lambada...*

É, minha amiga de fé e cozinheira da esperança!
Seríamos o Samba Lelê!
Cabeça quebrada... E boa lambada...
Sem emprego! Chuta Praxedes, o garçom...
Como os sem-o-que-fazer do Lulinha! Mata no peito e emenda de
prima, Sá Pipicha, a salgadeira...
Assim, pois, solfejando a doce canção, aquele que serve à mesa,
com a presteza que lhe é peculiar, faz chegarem os molha-goela e os
engordura-beijo.
Pra alegria dos plantados às margens do Ribeirão São Bartolomeu
e assentados às margens da mesa do Bar Tolomeu.
Combustível pra sequência dos papos e papadas.

E então, Zé Goró?

A *Septem* ou a Ibiboboca é sua ou não é?

Ou não vai encarar?

A última das sete serpentes - aquela que seus pais resolveram dar o nome oficial de Antônio Pagliaccio.

Intervém o Beia, cobrando a ausência de Zé Goró, até então.

Sabia que ia sobrar pra mim!

E sobra... A Ibiboboca pras viagens do Zé Goró:

A *Septem*... A sétima serpente.

Número cabalístico este, Galera.

Sete são as serpentes da Hidra. Também são sete os Pecados Capitais. E as sete Virtudes. Os Sacramentos dos Católicos? Claro! Sete. O número dos mentirosos não poderia deixar de ser o sete. Sete serpentes, as de pernas. Sete Caras compõem a Turma. Sete serpentes... Serpentes mesmas o são.

Aula magnates... Aula magna... Aula magnarium...

Desembaraços. Desembargos. Desembargados.

Sem apelação. Com apelação.

Como impostariam causídicas vozes da verdade confeccionada. Camuflagens das mentiras, adereçadas das verdades.

Quase sempre.

Ibiboca... *Data venia... Data maxima venia...* Ibiboboca.

I b i b o b o c a !

Zé Goró enche sua goela e os ouvidos da Turma e bisa:

I b i b o b o c a !

A Bete enaltece o discurso de Zé Goró com o clássico e operístico aplauso:

Bravo! Bravíssimo! Bravo! Bravíssimo!

E, interessadíssima nas picadas da Ibiboboca, solicita que ele dê prosseguimento a sua explanação.

Animado pela entusiástica saudação da Bete, Zé Goró alarga a jugular, adrenalina pura, e parte em frente, pouco se importando com a natureza do espaço por ele ocupado.

Seguinte, Galera:

A Ibiboboca deveria ser como suas pares e ímpares, uma cobra coral venenosa.

Uma serpente coral venenosa.

São 200 os gêneros e 1.000 as espécies.

Já pensaram se essas duas centenas de gêneros e essas dez de

espécies resolvessem sair pela aí soltando picaduras a torto e a direito?

Picaduras voadoras...

Porém, coitada da Ibiboboca!

Pica e é picada!

Deixa-se picar diretamente por seus desafetos e afetos e, contradiitoriamente, pica seus desafetos e afetos.

Picadas. Picadões.

Pois então...

Serpente que se compraz em dar pernadas... Um luxo... Coisas dum nobre e marquês de nome Sade.

Serpente que se deleita ao receber pernadas... Outro luxo... Coisas dum nobre e escritor de nome Masoch.

Nobres marqueses. Escritores nobres.

Nobres como as serpentes bipedestadas.

Do luxo. Do luxuoso. Do luxurioso.

Gente nobre a cercar e a rodear a Ibiboboca.

Escorre e corre em suas veias o conceito nazista da ariana raça e o sangue azul de aristocrática linhagem.

Fidalga. Distinta. Requintada. Delicada.

Nobre serpente!

Vaidosa a Ibiboboca.

Carrega no corpo e carrega na alma o desejo supremo de atrair admirações, balangandãs, homenagens e penduricalhos.

Em outra encarnação flutuava nas asas da grandeza, do charme, da ostentação, do poder.

Por todos os séculos, dos séculos... *Allelu Yah!*

Senão vejamos, Turma, algumas passagens das anteriores vidas da Ibiboboca, continua Zé Goró:

Cortesã e amiga íntima da Rainha da Babilônia, pros idos do século XVIII a.C., pros lados do Baixadão da Égua da Mesopotâmia.

Íntima do imperador Cláudio e de sua concubina Valéria Messalina, de quem era confidente, conselheira e medianeira, no Baixadão da Égua da Roma antiga, pelos idos anos de 15 a 48 d.C.

Guardiã-mor de *El Dios Tonatiuh, el Dios del Sol*, lá pelas bandas do Baixadão da Égua dos Astecas.

E tem mais, Galera minha:

Promoteur, em 1807, do cerimonial da fuga do português Dom João, sua família e sua corte do Baixadão da Égua das bandas de lá pro Baixadão da Égua das bandas de cá.

Nessa altura da explanação... Ponto final na explanação do Zé Goró sobre a Ibiboboca...

Esvai-se o discurso... Esvaem-se as palavras...

Como se esvai o papo do Zé Goró, como se esvai a presença do Zé Goró, como se esvai a *happy hour* semanal, fluem palavras da boca do Beia:

Uma cobraça esta Ibiboboca, não Galera?

Vaporífera e vaporosa serpente bípede.

Anda tomando conta dos cofres do Baixadão da Égua... Um desastre a Ibiboboca... Um cataclismo o Antônio Pagliaccio... *Não paga nem fogo na roupa*, diria o contraventor Zé Fala Fina.

Outros mais defeitos e tantos defeitos mais...

E por falar em defeito, quero falar de efeito. Do efeito da etilicidade e do efeito da gorduricidade que já baixaram de nível... Quase zero.

Que tal, meu povo que bebe com a exigida moderação? Que tal, pessoal meu, que come com a necessária minoração? Acionamos ou não novamente o nosso prestígio junto à Casa?

Praxedes, o garçom, por favor, aproxime-se... Caso contrário, o *pagliaccio* seremos nós outros...

JABACULÊ

Zé Goró invade a área novamente:

Por favor, Turma!

Turma...

Do coração. Da alma. Da razão. Da emoção.

Raígue, Tião Perninchada, Bete, Saru, Poia, Beia...

Praxedes, o garçom, Sá Pipicha, a salgadeira, Bernardino da Silva...

Vó Merença, lá dos Araponga, Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme, o contraventor Zé Fala Fina, o Dionísio, o Zé Paulo...

E tantos e tais outros tantos...

Que pintaram, que pintam e que pintarão nas mesas plácidas do Bar Tolomeu.

Bem como tantos e tais outros tantos...

Que passearam, que passem e que passearão nas margens serenas do Ribeirão São Bartolomeu.

Passado. Presente. Futuro.

Alerta máximo! Sinal vermelho!

Em todas as pontas e pontos da rosa dos ventos... Cardeais pontos. Pontos colaterais. E nos demais sub dos sub 120 pontos.

Sem ameaças! Sem intimidações!

Jamais pensem as bípedes serpentes, as que andam pela aí, em tais ações.

Ameaça e intimidação...

Prenúncio de coisa terrível ou desagradável. Prognóstico de desgraça ou doença. Previsão de praga ou miséria.

Não! Não! E nunca! Longe, muito longe...

Das palavras de intimidações. Dos prenúncios de desgraças. Das promessas de malefícios.

Voltadas pra quaisquer delas... Pra quaisquer delas chegar.

As serpentes bípedes. As serpentes dípodas.

Surucutinga... Naja... Muçurana... Trairabóia... Boitatatá... Jaraquinha-do-Campo... Ibiboboca...

Serpentes que pisoteiam pela aí à cata de ganhos ganhados e de ganhas a ganhar.

Sua ambição. Sua ganância. Sua usura.

Seu desejo veemente, ardente, intenso e peçonhento de alcançar

tudo aquilo e aquilo tudo que valoriza tão somente os bens materiais ou o amor-próprio.

Poder. Glória. Riqueza. Reconhecimento.

Objetivo de ordem superior.

Continuem agindo assim. Agindo assim continuem. Hora há de chegar onde ficarão, como diria Vó Merença, lá dos Araponga, *De calça de veludo e bunda de fora!*

Na sutileza e leveza de um paquiderme, o Coronel Valentim, das quebradas do Porto Firme, diria que *Estarão oibrando numa perna e escorrendo pela outra.*

Cuidado, pois... Serpentes de desencantos mis e vis!

Permita-me, Turma, buscar inspiração nas falas ouvidas, em ocasião outra, e adaptadas para este textículo. Explico: Dita inspiração, livremente adaptada, da abertura do filme Jogo Sujo (*It Me*). Pois sim?

Sim, Zé Goró! Prossiga!

E o Zé Goró prossegue:

Que as serpentes ouçam, digiram e entendam o nascedouro do drama da situação, de cada qual delas, e de tantas e quais outras tantas delas, que assim agem, agirem e agirão.

O lucro vil. O miserável ganho. O lucro infame. O mesquinho ganho.

O drama dos dramáticos dramas que extrapolam simples bípedes serpentes.

O real drama da Humanidade!

Continuo, Turma?

A palavra é toda sua, Zé Goró!

Responde a Galera com o tradicional e manjado uníssonos.

Pois bem, Galera:

Nem sempre o alvo-mor da ganância das bípedes serpentes circulava pelo Baixadão da Égua.

Mundial. Continental. Nacional. Estadual. Municipal.

Em verdade... Em verdade... No início dos tempos, ele não existia em qualquer Baixadão da Égua. Conhecido ou por conhecer. Descoberto ou por descobrir.

Até o século VII a.C.

Sim! A partir daí, sim!

Surgiu o objeto do desejo. Nasceu o sonho de consumo.

Das serpentes. Das serpentonas. Das serpentinhas.

Das cobras. Das cobronas. Das cobrinhas.
Bípedes... Bipedestadas...
Espertas. Ímpias. Jeitosas. Trapaceiras.
Sem compaixão. Sem piedade. Sem contemplação.
Portanto quanto...

Nascido o onírico desejo das serpentes bem antes da chegada do Salvador...

Não eram, nas idas eras, o desejo e o sonho como na hodierna era, eram desejados e sonhados os sonhos.

Variados tamanhos. Formas variadas.

Dependia do Baixadão da Égua.

Redondos sonhos. Sonhos ovais. Quadrados sonhos. Sonhos poligonais. Disformes sonhos.

Sonhos... Sonhos... Sonhos... E mais sonhos.

Desejos... Desejos... Desejos... E mais desejos.

Das serpentes. Das cobras.

Bípedes.

D í p o d e s !

Enfatiza Zé Goró!

Não sem antes solicitar a presença de Praxedes, o garçom, com sua indefectível bandeja, pra outra rodada de tudo aquilo rodado e de a rodar no Bar Tolomeu e no Ribeirão São Bartolomeu.

Claro, com a hipocrisia, a simulação e a impostura do *Beba com moderação* ou *Se beber, não dirija*.

Como dizia este Zé Goró, Raígue, Beia, Poia, Saru, Bete, Tião Per-ninchada:

Falava do sonho e do desejo das serpentes e das cobras de duas patas, as bípedes, as dípodas...

O real drama da Humanidade!

Por sua causa...

Por causa do sonho e do desejo das serpentes...

As mulheres. Ah, as mulheres!

Morreram, morrem e ainda morrerão...

Os homens. Ah, os homens!

Mataram, matam e ainda matarão...

As guerras. Ah, as guerras!

Foram travadas, são travadas e ainda serão travadas...

E, por sua causa...

A História. Ah, a História!

Mudou, muda e ainda mudará.

Zé Goró não se faz de rogado, nessa altura de sua explanação. Desprezando a curiosidade da Turma e colocando-a mais ansiosa, rega sua tulipa, com a Lourinha Espumante, com sabor de amante, mastiga um ou dois dos Torresminhos Crocrantes e Chocantes, leva a taça à boca e sorve aquele gole gorozado... Aquela gorozada!

Como a Galera não era de bispar pra ninguém, acompanha a tranquilidade do amigo de fé e de esperança naquele ritual...

Comem todos. Bebem todos. Todos comidos. Todos bebidos.

A comida da vida... Da vida a bebida...

Zé Goró dá, então, sequência aos seus dizeres e falares...

Pois então, Galera:

Como eu dizia, por sua causa...

Por causa do sonho e do desejo das serpentes...

A História mudou, muda e ainda mudará...

A Humanidade sofreu, sofre e ainda sofrerá...

Se a Turma pensou ser a doença física ou psíquica... Errou redondamente. Quadradamente furou.

A questão não é específica. A questão é fundamental.

É muito mais decisiva. É muito decisiva. É mais decisiva. É decisiva.

D e c i s i v a !

Trata-se do padrão de medida da nossa civilização, um tanto quanto, não tanto civilizada, assim, não!

Falo da única forma de determinar se você tem valor e qual é o seu valor.

Mede apenas e tão somente seis por quinze centímetros. Entretanto, é muito maior do que estes míseros noventa centímetros quadrados.

A Galera pode pensar que é de papel.

Não é, entretanto...

É setenta e cinco por cento de algodão e vinte e cinco por cento de linho.

Trata-se da raiz de todo mal e pode não comprar a felicidade.

Este Zé Goró está falando do sonho e dos desejos das serpentes.

Serpentes bípedes. Serpentes de patas.

Serpentes que pisoteiam pela aí... Em todos e em tudo... À cata de ganhos ganhados e de ganhos a ganhar com a gana e a garra *Do junta tudo e vamo qui vamo*, como diria o contraventor Zé Fala Fina.

Ambição. Ganância. Usura.
Poder. Glória. Riqueza. Reconhecimento.
Repito, pois então, que se trata da raiz de todo mal e pode não
comprar a felicidade.
É o dinheiro!
D I N H E I R O !
Alvo mor, meta máxima, fim último das serpentes.
Falei, Turma?
Falôôôôôôôôôô!
Goro-zôôôôôôôôôô!
E então?
Pergunta a Bete e ela mesma respondeu propondo:
Então, o canto de guerra dos idos tempos perdidos e, idos tempos,
tragados pela imensidão do passado...
E ela pergunta... E ela responde... E ela puxa:

*Cumé... Cumé... Cumé...
Qui éééééééééé?*

E a Galera, acompanhando, dispara:

*A Turma... Avança...
Enquanto o bicho berra!
É Deus... No céu...
Bartô aqui na terra!*

Bartô! Bartô! Bartô!

Praxedes, o garçom!
Troca os copos, por favor!
Por gentileza, abasteça nossos inocentes desejos. Desejos ino-
centes distantes anos-luz dos desejos pecadores das serpentes.

A SAIDEIRA...

ZÍPER

Trovando. Cantando. Rimando.
Dias de vida.
Vida sem princípio. Vida sem fim.
No sempre existiu. No sempre, existirá.
Eternamente vivida. Vivida constantemente. Incessantemente vi-
vida.
Sim, Turma! Pois sim, Galera!
Do coração. Da alma. Da razão. Da emoção.
Nós...
Raígue, Tião Perninchada, Bete, Saru, Poia, Beia e eu, Zé Goró...
Retaguarda...
Praxedes, o garçom, Sá Pipicha, a salgadeira, Bernardino da Silva,
Vó Merença, lá dos Araponga, Coronel Valentim, das quebradas do
Porto Firme, Dionísio, Zé Paulo, o contraventor Zé Fala Fina...
E tantos e tais outros tantos reais companheiros camaradas.
A Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri... A Lourinha Espumante,
com sabor de amante... O Torresminho Crocrante e Chocante... A
canjiquinha plena de brita...
E tantos e tais outros cardapianos itens.
Que pintaram nas mesas plácidas do Bar Tolomeu... Bem como
tantos e tais outros quantos que passearam nas margens serenas do
Ribeirão São Bartolomeu...
O Bar Tolomeu engalanado...
O Ribeirão São Bartolomeu agalanado...
Última sexta-feira do ano que se veio. Última sexta-feira do ano
que se vai.
Derradeira e última *happy hour do ano* no Bar Tolomeu, no Ribeir-
ão São Bartolomeu.
No Baixadão da Égua.
Mundial. Continental. Nacional. Estadual. Municipal.
Zé Goró prossegue...
Segu... Indo. Inda... Indo. Per... Seguindo.
Embalado pelo sonho... Conduzido pelos elementos naturais...
Flanando na brancura das nuvens e no anil do céu... Perambulando
sobre verdes campos e azuis águas... Poetificando e versejando a
apoteose da vida.
Zé Goró! O senhor do tempo...

A esperança inabalável plena de esplendor, de pompa, de suntuosidade.

O mergulho, a submersão, a imersão... Na Humanidade.

Contado em abundância. Assinalado em excesso. Exposto em demasia.

As coisas, das coisas, das coisas do Baixadão da Égua.

Terríveis. Terrificantes. Terríficas.

Esperançando o esperar da esperança.

Pois... Mesmo enquanto terras baixas e alagadiças... Aquele baixadão... Inundado por águas estagnadas encarcerando paralisadas terras.

Lamaçal. Um lamaçal. O lamaçal.

Como atolador... Como atoladouro... Como atoleiro...

Bamburral... Banhado... Brejo...

Uma vez sem o que lamaçal... Uma vez sem o que lamaceiro... Uma vez sem o que lameirão...

Pleno de rebordosa... De bamboleio repleto... Inteiro de reboliço... De balanceio cabal...

Lamaçal... Baixadão da Égua...

Em transformação. Em transmutação. Em transfiguração.

O mergulho... A submersão... A imersão... Na Humanidade como tal.

Porém... Porém... Porém... Considerações têm precisão.

Ser Baixadão da Égua torna diferente o lamaçal.

Divergente de qualquer outro lugar...

Pois, então, esse lodo, essa lama, sempre à espreita daqueles tais e quais companheiros camaradas, serpentes cobras...

Das traições. Das trapagens. Das teias. Das trocas.

Na espreita, o lamaçal tece pesadelos para tais e quais.

E é, exatamente, sobre este lamaçal que se construiu o Baixadão da Égua.

Lamaçal da Égua Baixadão.

Geral...

Mundial. Continental. Nacional. Estadual. Municipal.

Geral...

Campos. Matas. Cidades. Mares. Rios. Estradas. Ares.

Pense bem, Galera!

Erigido e construído sobre águas escuras e inconstantes, sobre terras soturnas e inseguras.

O meu mundo... O seu mundo... O nosso mundo... O mundo de todos... O mundo do Baixadão da Égua...

Neste mundo até as pessoas são enterradas de um jeito diferente.

Acima do solo. Deixam o morto fora da lama.

Pelo menos é o que dizem...

Bem agora... Neste momento... Ali... Logo em frente... Estão enterrando um homem.

Bateu a alcatra na terra ingrata e na molesta lama. Bateu a bota. Bateu a caçoleta. Bateu a pacuera.

O homem que se afundou na lama... Jamais conseguiu dela se afastar... Jamais dela retornou...

Conseguiu a proeza de transformar seus viveres, enlameados de lama, nos viveres de inútil grana.

Diante do soturno relato, o recinto do Bar Tolomeu é tomado por sepulcral silêncio.

Calam-se todos.

Até o tênue ruído das asas dos insetos vespertinos que se põem e o tênue ruído das asas dos insetos noturnos que se aproximam participam da cena.

E Zé Goró, com ar e voz soturnos, recapta seu discurso:

Pois então, Galera!

Ontem, o homem ambicioso, hoje o cadáver sem os ganhos ganhados e ufanados.

Inerte hóspede de ataúde sem gaveta, sem cofre, sem depósito, sem caixa - sem os ganhos ganhados durante a vida chinfrim.

Homem daqueles homens que *Ganharam sempre e têm*, diria Zé Paulo.

Sua homérica e enlameada ambição perambulava com ele, dia após dia, ano após ano. Ambição profunda e ilimitada que ali o atirou.

A maioria dos homens que *Sempre perderam são os que são... Gente!* Completaria o mesmo Zé Paulo.

Os Gente... Estes homens cairiam de joelhos e chorariam de compaixão por aquele homem, pelas consequências oriundas de sua tamanha e profunda ganância vivida.

E neles brotariam sentimentos outros exatamente por serem Gente. Não temeriam ser afogados... Não temeriam ser mordidos... Não temeriam ser comidos... Não temeriam ser aprisionados...

Para todo o sempre e diferentemente daquele homem que tinha e sempre tivera!

Morte que veio pros mortos. Vida que fica pros vivos.

A ganância do homem, que sempre ganhara e tinha, era imensa demais. E ele, em vida, vaidosamente, ratificava o fim último de sua existência medíocre, *Essa ganância era a minha ganância... O fim*

último de minha vida...

Então... Beia, Raígue, Poia, Tião Perninchada, Bete e Saru, se vocês entrarem no lamaçal... *C u i d a d o !*

Não se deixem iludir pelo canto cantado pelas trevas das lamas.
Jamais entrem!

Inda que apenas pra conhecerem... Nunca mais sairão de lá. Não sairão, não, Galera!

Aquelas águas sujas e escuras podem pegar cada um e cada qual.

Vocês moram aqui... No Baixadão da Égua... Próximos do lamaçal. Passam a vida no limiar da lama e a lama encontra-se a sua volta.

Não importa aonde irão. Ela chamará vocês...

As tentações são muitas. Muitas são as perdições. As danações são incontáveis.

Para os gananciosos dos ganhos a ganhar.

Afinal das quantas e dos quantos... A certeza!

E como certeza inegável diria a filosofia grega, *Uma certeza objetiva e subjetivamente suficiente.*

Os ganhos ganhados e seus ganhadores e ganhados serão traga-dos pelo lamaçal.

C'est fini, mons amis du coeur!

E encerrando com o *c'est fini* mesmo, tenhamos como norte, pros nossos viveres, agires e andares, a abertura usual dos discursos do senador romano Compus Turae Faltum:

Denuncio sim, nobres senadores!

Carrego comigo um rabo pequeno e fino. Rabo este que passa em qualquer porta e qualquer de suas frestas.

Portas. Portinhas. Portões. Frestas. Frestinhas. Frestões.

Sejam elas deste Senado ao Palácio de César, das vias às praças do todo o Império.

Rabo abençoado pelos deuses e ungido por Júpiter.

Assim, pois, pois... Não tenho rabo preso!

O vulgar e patético rabo preso!

Assim, sim... Denuncio, sim, nobres senadores!

Contrariamente, minha língua é, inversamente, proporcional ao tamanho e à grossura do meu rabo.

Grande e grossa. Enorme e rotunda.

*Assim, pois, pois... Tenho língua solta!
A prodigiosa e benigna língua solta!
Assim, sim... Denuncio, sim, nobres senadores!
Conquistei. Granjeei. Adquiri.
O direito incontestado...
De denunciar... De vergastar... De criticar... De fustigar...*

E, assim, Turma, o senador mandava bala nos companheiros camaradas e nas serpentes cobras de então, pois, não?

Municipais. Estaduais. Nacionais. Continentais. Mundiais.

Gastou hein, Zé Goró?

E ele partiu em frente, lembrando ser aquela a derradeira *happy hour* do ano:

Deixemos, pois, a lama e seus enlameados e vamos curtir a saideira do ano puxando o zíper...

O presente e – porque não? – o futuro.

Todos se encontram convocados e convidados - já - pra primeira sexta-feira do vindouro ano. A entrada.

Anotem na agenda:

Dia quatro do *Unu*, o primeiro dos meses do ano, janeiro, às 19 horas...

Como se precisasse...

Observou a Turma no tradicional uníssono.

Neste instante, não mais que neste instante, chega Praxedes, o garçom, ordenando alto e bom som:

Não deixem pra amanhã o que vocês podem fazer hoje! O hoje é hoje, o amanhã será o amanhã. Contem com o ovo já botado... Por hora, esqueçam do a ser botado... A galinha sabe das coisas...

Zé Goró pede, então, ao meio-de-campo pra abastecer a mesa conforme o ritual bartolomaico.

Todos concordaram prontamente com a iniciativa.

Assim pensado... Assim acontecido...

Praxedes, o garçom, e Sá Pipicha, a salgadeira, fazem chegar à mesa a Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri, a Lourinha Espumante, com sabor de amante, e o indispensável Torresminho Crocante e Chocante...

Depois, pois então, não é que surge no umbral deste Bar Tolomeu nosso Zé Paulo?

Vamo chegando, ô Cara!

E o Cara chega e a cadeira é oferecida e os comestíveis aparecem e os bebestíveis são derramados e o tim-tim tilinta nas tulipas de cada

um e de cada qual...

E todos comem a comida da vida e todos bebem a bebida da vida.

Comida vai, bebida vem...

Zé Paulo à mesa da Turma.

Que honra! Que barato! Que satisfação!

Todos felizes e alegres na curtição deste último *happy hour* deste ano da graça de dois mil e quaisquer complementos numéricos.

Enquanto quanto...

Segundo os economistas, papas deste nada afável sistema econômico, que dita o político e o social, *Não existe almoço de graça.*

Máxima que vale para as mesas do Bar Tolomeu e para as margens do Ribeirão São Bartolomeu.

Alguém duvida?

Errou!

E Zé Paulo é bushmente globalizado de forma democrática e liberal. Como o gato faminto no interior da gaiola do rato acuado.

Paga a Branquinha de Cabeceira, lá dos Cajuri, o Torresminho Crocante e Chocante, e a Lourinha Espumante, com sabor de amante. Até o esquentar do assento foi pago e o ar inspirado e respirado também.

Paga a conta, com juro e correção monetária, e não bufa... Com o quê?

Escrevendo neste zíper fecho, um fecho, pra fechar, com fecho de ouro, outro ano fechado deste Bar Tolomeu e deste Ribeirão São Bartolomeu, fechando com uma escrevedura na derradeira página do Bar Tolomeu ou Às Margens do São Bartolomeu.

Fala, Zé Paulo... Ou melhor... Escreva, Zé Paulo... E o Zé, o Paulo, escreve o *Finis*:

Não, não é devaneio de cabeça enevoadada com o espírito de Baco, ou de Dionísio, como queiram...

Jamais o ambiente ali terá sido tão ambiente. Coisa de acolhimento meio matreiro, com prazo para dar o pinote. E, antes disso, o olhar quase derradeiro, numa tentativa meio besta de reter na retina o que ficaria para o depois.

Ali, uma fileira de cachaça das boas, dessas que existem nas bandas de cá. Adiante, a coleção de zurrapas e misturas doidas, com tudo quanto é erva e bicho... Fogo paulista, fogo mexicano, fogo do

inferno, fogo morto... Isso mesmo, fogo de todo tipo para afogear goelas e almas, para depois amainar lentamente, em cinzas, derreando corpos e eventuais ânimos pelos tamboretos de assento alto, definitivamente impróprios para quem quer tomar umazinha sossegado. As mesas no canto tentam dar o ar do desejado descanso para uns, depois do dia cheio de nadas; ou tribuna para outros que, serenos, palradores ou inconsequentes desfiam mazelas, desancam políticos ou fazem poesia, que o Bar Tolomeu é para essas coisas mesmo, não necessariamente nessa ordem. Assim, as mesas ali acolhem uns e outros, para umas e outras, democraticamente, para o bem e para o mal, tabernáculo ou lupanar, pois a vida humana convive com as faces de querubins indecisos entre os Jardins do Éden e os domínios de Lúcifer. Garrafas de plástico, ali colocadas feito múmias, parecendo envernizadas pela fumaça densa de incontáveis bafordas, evoluando eternas, grudando no som quase agradável de um sertanejo qualquer. No cantinho do balcão, pano de aspecto indefinível, de cor menos ainda, sujo andrajo para limpar a andrajosa sujeira de tantos e de tantas...

Ah, as louras, as morenas, as belas pernas e bustos: sereias dos trópicos penduradas nos pôsteres, seduzindo a miuçalha com o sorriso que só a melhor cerveja do mundo pode provocar.

Mas é assim mesmo. O eterno e o fugaz brincando marotos no coração de quem está prestes a ir para o depois. O chique e o brega convivendo num espaço onde não se olha a estética, pois ela é apenas o endereço de um lugar utópico, palco de muito filosofar, muito querer, muito sonhar. Afinal, só mesmo em sonho, para admitir que, pouco depois, tudo aquilo será apenas um quadro pendurado na parede da recordação.

"Em todo o movimento do livro, nota-se a construção de um artesão hábil, de um artista maior que o artesão. O aparato de suas frases figurativas, dotadas de musicalidade ímpar, transformando o corriqueiro em poético, enleva. Suas expressões populares, pintando esmeradamente graça e perfeição, seduzem. Sua originalidade em tratar como novos temas remotos, atrai."

Therezinha Mucci Xavier

"As pepitas d'ouro que pairam sobre estes excelentes textos (...) são as referências culturais, sociais, econômicas, políticas, religiosas, filosóficas, psicológicas e sobretudo as construções lingüísticas - o trabalhar competentemente a palavra - coisas com que, como seres inteligentes inseridos neste mundo, já deveríamos ter aprendido a lidar."

José Dionísio Ladeira